
THIS IS THE SIETIETH FOURTH OF JULY TOGETHER: (7-4-2007)
WE MET AT PAW-PAW LAKE IN MICHIGAN;
COMPANHIA DAS LETRAS
O ESCOLHIDO FOI VOCÊ
—
MIRANDA JULY
We met the afternoon,of the fourth of JULY
And when you ran by;I thought I would die
Your young BOOBS,they gave a jiggle
And my nose,it started to wiggle
I then thought,I had to be your guy
JOY TO THE WORLD

MIRANDA JULY
COM FOTOS DE BRIGITTE SIRE

O ESCOLHIDO FOI VOCÊ

TRADUÇÃO
CELINA PORTOCARRERO



COMPANHIA DAS LETRAS

PARA JOE E CAROLYN PUTTERLIK

Dormi na casa do meu namorado todas as noites, nos primeiros dois anos de namoro, mas não levei para lá uma só peça de roupa, um pé de meia que fosse nem roupas de baixo. O que significou eu ter que usar as mesmas roupas por muitos dias, até arranjar um tempo para voltar à minha miserável caverna, a poucas quadras de distância. Depois de vestir roupas limpas, andei por ali meio em transe, hipnotizada por aquela cápsula do tempo da minha vida antes dele. Tudo estava exatamente como eu havia deixado. Algumas loções e xampus tinham se decantado em camadas, mas na gaveta do banheiro ainda estavam os preservativos extraextragrandes do namorado anterior, com quem as relações eram dolorosas. Eu tinha jogado fora algumas comidas, mas as não perecíveis, os ótimos feijões do Norte, a canela e o arroz, todos aguardavam o dia em que eu me lembraria da mulher sozinha que eu realmente era, voltaria para casa e poria o feijão de molho. Quando, enfim, coloquei minhas roupas em sacos plásticos pretos e levei-as de carro para a casa dele, fiz isso com uma espécie de atrevimento — como quando cortei o cabelo nos últimos anos do colégio ou larguei a faculdade. Coisa de impulso, garantia de acabar em catástrofe, mas foda-se.

Estou morando na casa do namorado há quatro anos (sem contar os dois em que vivi lá sem minhas roupas), estamos casados, então passei a pensar nela como minha casa. Quase. Ainda pago o aluguel da pequena caverna, e quase tudo o que possuo ainda está lá,

exatamente como antes. Só no mês passado joguei fora os preservativos extraextragrandes, depois de muito pensar numa forma de dá-los, sem me expor, a algum sem-teto bem-dotado. Mantenho a casa porque o aluguel é barato e é lá que escrevo; virou meu escritório. E os ótimos feijões do Norte, a canela e o arroz são a minha garantia de volta, caso alguma coisa dê terrivelmente errado ou eu caia em mim e resolva reassumir minha condição de pessoa mais solitária que já existiu.

Esta história se passa em 2009, logo depois do nosso casamento. Eu estava escrevendo um roteiro na casinha. Escrevia na mesa da cozinha ou em minha antiga cama com seus lençóis baratos. Ou, como sabe muito bem qualquer um que tenha tentado escrever alguma coisa nos últimos tempos, esses eram os lugares em que eu preparava o cenário para escrever, mas em vez disso ficava procurando coisas online. Parte disso poderia ter a ver com uma das personagens do meu roteiro, que também estava tentando fazer alguma coisa, uma dança, mas em vez de dançar ficava procurando danças no YouTube. Então, de certa forma, a procrastinação era pesquisa. Como se eu já não soubesse como funcionava: me ver sendo levada pelo mar, fascinada demais pelas ondas para pedir socorro. Eu tinha inveja dos escritores mais velhos, que haviam conseguido se disciplinar antes da chegada da internet. Eu só tinha conseguido escrever um roteiro e um livro antes que isso acontecesse.

O engraçado na minha procrastinação era que o roteiro já estava quase terminado. Era como se eu tivesse lutado contra dragões, perdido membros, rastejado por pântanos e agora, finalmente, avistasse o castelo. Eu via crianças minúsculas agitando bandeiras das sacadas; tudo o que precisava fazer era atravessar um campo para chegar até elas. Mas de repente eu senti muito, muito sono. E as crianças não acreditaram quando me viram dobrar os joelhos e cair de cara no chão, de olhos abertos. Imóvel, eu observava formigas entrando e saindo apressadas de um buraco, sabendo que me levantar seria mil vezes mais difícil do que ter enfrentado o dragão ou o

pântano, e por isso eu nem mesmo tentei. Só ficava clicando numa coisa atrás da outra, e atrás da outra.

O filme era sobre um casal, Sophie e Jason, que planejava adotar um gato perdido muito velho e doente chamado Paw-Paw. Como um bebê recém-nascido, o gato iria precisar de cuidados contínuos, só que pelo resto da vida, e poderia morrer tanto em seis meses como em cinco anos. Embora bem-intencionados, Sophie e Jason estão apavorados com sua crescente falta de liberdade. Então, depois de apenas um mês da adoção, eliminam de sua vida todas as distrações — deixam seus empregos, desconectam-se da internet — e passam a se concentrar em seus sonhos. Sophie quer coreografar um balé e Jason se oferece como voluntário em um grupo ecológico, vendendo árvores de porta em porta. À medida que o mês avança, Sophie sente-se cada vez mais humilhantemente paralisada. Num momento de desespero, ela tem um caso com um desconhecido — Marshall, um homem conservador de cinquenta anos que vive em San Fernando Valley. No mundo suburbano de Marshall, Sophie não precisa ser ela mesma; enquanto estiver lá, não precisará mais tentar (e falhar). Quando Sophie o deixa, Jason para o tempo. Ele emperra às 3h14 da manhã e só tem a lua com quem falar. O resto do filme é sobre como eles encontram suas almas e voltam para casa.

Talvez porque eu não me sentisse muito segura enquanto escrevia o roteiro, e porque tivesse me casado havia pouco tempo, o filme acabava sendo sobre fé, e mais ainda sobre o pesadelo de não ter fé. Era assustadoramente fácil imaginar uma mulher que falha consigo mesma, mas a história de Jason me deixava confusa. Eu não conseguia criar as cenas dele. Eu sabia que no final do filme ele perceberia que estava vendendo árvores não porque acreditasse que aquilo fosse resolver alguma coisa — ele na verdade achava que era tarde demais —, mas porque amava este lugar aqui, a Terra. Era um ato de devoção. Um pouco como escrever ou amar alguém — nem sempre achamos

que vale a pena, mas, de alguma forma, não desistir disso faz um sentido inesperado depois de um tempo.

Portanto, eu sabia o começo e o fim; só precisava imaginar um miolo convincente, a parte em que a empreitada de Jason o põe em contato com estranhos, talvez até dentro de suas casas, onde ele tem uma série de conversas interessantes, hilárias ou transformadoras. Na verdade, escrever esses diálogos foi fácil; criei sessenta rascunhos diferentes com sessenta textos diferentes de vendas de árvores, e cada um deles me parecia realmente inspirado. Todas as vezes eu me convencia de que tinha encontrado a peça que faltava para completar a história de um jeito hilário, transformador. Todas as vezes eu me achava o máximo quando, muito orgulhosa, mandava o texto por e-mail para gente que eu respeitava, pensando, Ufa, às vezes demora um pouco, mas, se a gente tiver fé e continuar tentando, a coisa certa acaba chegando. E todos esses e-mails foram seguidos de e-mails escritos um dia ou, às vezes, apenas algumas horas depois. "Assunto: Não leia o rascunho que acabei de te mandar!! Em breve mando outro!!"

Portanto, eu tinha perdido a fé. Estava deitada no campo olhando as formigas. Jogava meu próprio nome no Google, como se a resposta para o meu problema pudesse estar secretamente codificada num blog que falava do quanto eu era chata. Eu nunca tinha entendido muito bem isso da bebida, o que era uma coisa que me afastava da maioria das pessoas, mas agora eu chegava todos os dias da minha casinha e procurava só falar com meu marido depois de tomar um gole de vinho. Eu tinha passado trinta e cinco anos em intenso contato comigo mesma e não aguentava mais. Conversava com as pessoas sobre bebida como se fosse um novo tipo de chá que eu tivesse descoberto numa loja de produtos orgânicos. "O gosto é ruim, mas baixa a ansiedade, *e* deixa a gente mais sociável — você precisa experimentar!" Também me tornei taciturnamente caseira. Lavava a louça fazendo barulho. Preparava pratos complicados e os apresentava com um desespero cheio de ressentimento. Parecia que

agora aquilo era tudo que eu era capaz de fazer.

Conto tudo isso para que vocês entendam por que eu ansiava pelas terças-feiras. Terça-feira era o dia em que o folheto *PennySaver* era entregue. Vinha escondido entre cupons e outras correspondências inúteis. Eu o lia enquanto almoçava e depois, porque não tinha pressa de voltar a não escrever, acabava lendo-o inteiro, até os anúncios de imóveis no final. Examinava com cuidado cada item — não como compradora, mas como uma curiosa cidadã de Los Angeles. Cada entrada era como um pequeno artigo de jornal. Os anúncios faiscavam: alguém na cidade está vendendo uma jaqueta. A jaqueta é de couro. Ela também é grande e preta. A pessoa acha que vale dez dólares. Mas a pessoa não está muito certa quanto ao preço e pode considerar outros, mais baixos. Eu quis saber mais a respeito do que pensava essa pessoa da jaqueta de couro, como ela passava seus dias, com o que sonhava, o que receava — mas nenhuma dessas informações constava lá. O que constava era o telefone dela.

De um lado havia meu problema ficcional com Jason e as árvores e, do outro, aquele número de telefone. Para o qual, em circunstâncias normais, eu jamais teria ligado. Com certeza eu não precisava de uma jaqueta de couro. Mas naquele dia eu realmente não queria voltar para o computador. Não só para o roteiro, mas também para a internet e sua escravidão. Então peguei o telefone. A regra implícita dos classificados é que você só pode ligar para um número para falar a respeito do item à venda. Mas a outra regra, sempre, é que este é um país livre, e eu estava querendo muito sentir minha liberdade. Aquela poderia ser minha única chance de me sentir livre o dia todo.

No meu mundo paranoico, todo lojista acha que estou roubando, todo homem acha que sou prostituta ou lésbica, toda mulher acha que sou lésbica ou arrogante, e toda criança ou animal vê meu verdadeiro eu, e ele é mau. Por isso, quando liguei, tomei cuidado para não ser eu mesma; perguntei sobre a jaqueta numa voz emprestada do Beav de *Leave it to Beaver*. Esperava ser recebida com o mesmo tipo de tolerância perplexa que ele provocava.

A pessoa que atendeu era um homem com uma voz sussurrante. Não estava surpreso com minha ligação — claro que não, afinal tinha publicado o anúncio.

— Ainda está à venda. Você pode fazer uma oferta depois de vê-la — disse ele.

— Tá bom, ótimo.

Houve uma pausa. Calculei o espaço gigantesco entre a conversa que estávamos tendo e aonde eu gostaria de chegar. Saltei.

— Na verdade, eu estava pensando se, quando eu for aí ver a jaqueta, eu poderia também entrevistá-lo sobre sua vida e sobre você. Suas esperanças, seus medos...

Meu pedido foi acolhido com o tipo de silêncio que explode como um alarme. Acrescentei depressa:

— Claro que eu pagaria pelo seu tempo. Cinquenta dólares. Levará menos de uma hora.

— Tudo bem.

— Bom, ótimo. Qual é o seu nome?

— Michael.

MICHAEL

—

JAQUETA DE COURO PRETA, TAMANHO GRANDE

US$ 10

—

HOLLYWOOD

—

Era maravilhoso ter a oportunidade de sair da minha toca. Numa sacola, pus iogurte, maçãs, garrafas de água e um pequeno gravador. Era do tipo que usava minifitas cassete; comprei quando tinha vinte e seis anos, para ouvir as fitas que o diretor Wayne Wang me mandou depois de ter gravado nossas conversas sobre minha vida sexual como parte da pesquisa que ele realizava para um filme que estava fazendo. Sempre pensei nisso como um exercício meio bizarro do qual participei por dinheiro e porque eu gostava de falar de mim. Mas agora, ao pôr o gravador na bolsa, fui mais condescendente. Talvez o sr. Wang só estivesse querendo conhecer melhor alguém que ele não entendia direito. Talvez fosse apenas uma contingência do trabalho.

Fui de carro até a casa de Michael com uma fotógrafa, Brigitte, e meu assistente, Alfred. Brigitte conhecia toda a minha família e os meus amigos, mas eu a conhecia fazia pouco tempo, e não muito bem — ela era nossa fotógrafa de casamentos. Na minha cabeça, o equipamento fotográfico dela legitimava aquela saída; talvez eu fosse uma jornalista ou detetive — sabe lá? Alfred ia junto para nos proteger de um estupro.

O endereço era o de um prédio de apartamentos gigantesco e velho no Hollywood Boulevard, o tipo de lugar em que as atrizes de segunda

categoria viviam nos anos 1930, mas que agora era um pardieiro dos mais ordinários. Não que meu mundo seja lá muito perfumado — minha casa, as casas dos meus amigos, as compras na Target, meu carro, o correio —, só que são cheiros que eu conheço bem. Tentei fazer de conta que aquele também era um cheiro familiar, alguma coisa doce demais combinada com outra fritando na chapa há trinta anos. Também procurei valorizar as pequenas bênçãos, como quando apertamos o 3 no elevador, ele subiu e parou num andar com o correspondente número 3.

A porta se abriu e lá estava Michael, um homem de sessenta e muitos anos, troncudo, ombros largos, nariz de batata, uma blusa fúcsia, peitos, batom cor-de-rosa. Antes de abrir a porta completamente, ele declarou com toda a calma estar passando por uma mudança de sexo. Que legal, eu disse, e ele nos convidou para, por favor, entrar. Era um apartamento conjugado, do tipo em que sala e cozinha são delimitadas por uma tira de metal no chão, unindo o carpete ao linóleo. Ele nos mostrou a jaqueta de couro e fiquei meio deslumbrada: ali estava ela, a coisa real. Toquei o couro e na mesma hora senti uma vertigem. Às vezes isso me acontece quando fico frente a frente com objetos autênticos — é como um *déjà-vu*, mas, em vez da sensação de que aquilo já aconteceu, sou invadida pela consciência de que está acontecendo pela primeira vez, de que todas as outras vezes só existiram na minha cabeça.





Murmuramos nossa admiração pela jaqueta, que era absolutamente comum, e perguntei se podia ligar o gravador. Michael se acomodou numa espreguiçadeira anatômica e eu me empoleirei no sofá. Dei uma olhada nas minhas perguntas, mas agora elas pareciam fora de propósito.

Miranda: Quando você começou a mudança de sexo?

Michael: Há seis meses.

Miranda: E quando foi que você soube que...

Michael: Ah, bom, eu soube quando era criança, mas passei a vida inteira no armário. Saí em 1996 e depois voltei, mas desta vez não vou voltar para o armário. Vou até o fim com a minha transformação.

Miranda: Então a primeira vez deve ter sido difícil... Você não teve uma boa experiência, foi isso?

Michael: Não, não foi difícil. Eu decidi fazer a transformação e não sei por que voltei para o armário. É uma dessas coisas psicológicas que estou tentando resolver com um psicólogo.

Michael falava baixo e com uma espécie de monotonia na voz que me fez pensar se ele não estaria meio dopado. Nada de muito doido, talvez só alguns relaxantes musculares para baixar a ansiedade. Esse pensamento me acalmou — fiquei contente de haver algum amortecedor entre ele e minhas perguntas invasivas. Desejei ter tomado alguns relaxantes musculares também.

Miranda: Como era a susa vida antes de você se assumir?

Michael: Eu tentava ser como todos os homens e escondia o fato de que por dentro eu me sentia uma mulher. Eu sabia disso desde criança, mas por muito tempo tive um medo enorme de

me assumir. O movimento para que os gays saíssem do armário me ajudou a entender que eu não devia agir daquela maneira.

Miranda: Como você ganhava a vida?

Michael: Eu tinha uma oficina mecânica.

Miranda: E o que você faz agora?

Michael: Agora estou aposentado.

Miranda: E está vivendo de quê?

Michael: Da aposentadoria. Este prédio é do programa de baixa renda, então o aluguel é bem razoável. Antes eu vivia na espelunca mais barata de Hollywood.

Miranda: E como você passa o seu tempo?

Michael: Faço compras e vejo televisão, e caminho para manter a saúde.

Miranda: Quais os seus programas preferidos?

Michael: *The Price is Right* e os noticiários.

Miranda: Você se sente parte de uma comunidade aqui?

Michael: Eu faço parte de uma comunidade. Vou todas as sextas-feiras às reuniões de Percepções Transexuais, no Centro de Gays e Lésbicas em McCadden, e um monte de transexuais também vão. Homem-para-mulher, mulher-para-homem. Conheci dois lá que fizeram sua grande cirurgia há quarenta anos.

Perguntei se eu podia dar uma olhada no apartamento e ele disse claro que sim. Michael continuou sentado e ficou nos vendo andar por ali, examinando tudo em silêncio.

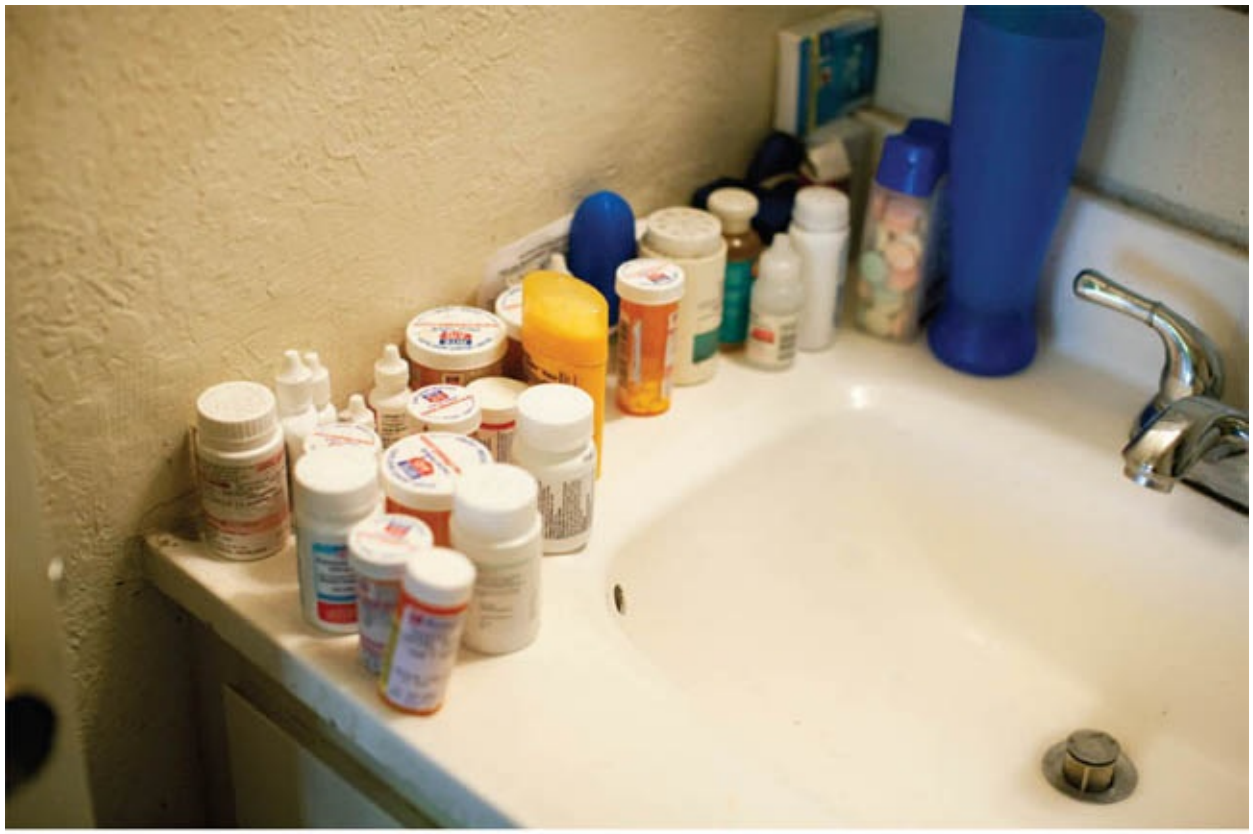
Aquilo me fez pensar na venda de objetos pessoais em garagens, a sensação grosseira de avaliar a vida inteira de alguém com um único

olhar ganancioso. A cada segundo eu erguia as sobrancelhas numa garantia de interesse, mas Michael não estava nem aí.

Miranda: Posso ver sua coleção de filmes?

Michael: Ah! É tudo pornografia.

Fiz um gesto de concordância e abri um sorriso caloroso, para mostrar que pornografia não me incomodava.




Neutrogena




June
Sunday
Monday
Tuesday
Wednesday
Thursday
Friday
Saturday
1 Dautian 9:30
Maria
Dr Dusher
Maria AM
pay rent
smog car
Dr Lasky 12:00
AM smog car reschedual Dr Lasky
Dr Goldberg 11:30
Charlotte
Maria 2:00
Garber 3:45
Dr Garber 11:30
Make apt Teeth
17

Michael: Pode olhar.

Ajoelhei-me e analisei as fitas. Eram todas de mulheres, ou do que parecia ser mulheres. Fiz um desses cálculos modernos: homem-para-mulher + pornô para homens héteros = ele quer ser lésbica?

Miranda: É de mulheres que você gosta?

Michael: Bem, aí tem pornografia hétero e pornografia trans. Também tem um pouco de pornografia de travestis. É isso aí.

Essa resposta só despertou mais perguntas, mas eu estava envergovvnhada demais para fazê-las. Tirei do bolso as perguntas que eu havia preparado.

Miranda: Você já teve computador?

Michael: Não. Nunca tive computador. Talvez um dia desses eu arrume um. Uso o computador da biblioteca.

Miranda: Há alguma coisa que você queira e que ache que nunca vai ter?

Michael: Não. Não na minha idade.

Miranda: Você se sente de bem com a vida?

Michael: É, sinto. A única coisa que está faltando é a minha transição total; é a única coisa que me faz falta e que eu desejo. Estou ansioso por isso.

Miranda: E qual você diria que foi a época mais feliz da sua vida até agora?

Michael: Ah, eu gosto de viver. Estou sempre feliz. Não sei dizer, entre uma época e outra, qual foi a mais feliz. Nunca pensei nisso.

Miranda: Nem todo mundo gosta de viver — você já nasceu com esse

temperamento ou acha que seus pais incutiram esse sentimento em você?

Michael: Não. Faz parte do meu temperamento. Nunca ninguém me ensinou isso.

Lancei um ponto de interrogação para Brigitte e ela fez que sim com a cabeça, tinha fotografado tudo. Então nos despedimos de Michael, com frases feitas nervosas e insistentes, e em silêncio descemos de elevador até o primeiro andar. Saímos para o ensolarado Hollywood Boulevard, uma rua pela qual passo de carro todos os dias. Agora, quando eu olhar para esse prédio, vou saber que Michael está lá, vivendo de sua aposentadoria, curtindo a vida e desejando apenas uma última coisa — transformar-se em mulher. Sua convicção me contagiou. Eu me senti acesa e alerta. As provas de sua fé nesse desafio quase impossível estavam por toda parte: a blusa rosa, a maquiagem atulhando o banheiro, o suporte de peruca em forma de falo. Não eram sinais de derrota. Não se tratava de alguém que caía sonolento no final do percurso; na verdade, tudo pelo que ele havia passado lhe trouxera a certeza do que importava agora.





Presa à minha mesa, eu tinha ficado bitolada e míope. Tinha me esquecido da ousadia, de que ela ainda era uma opção. Se eu não era capaz de escrever as cenas, então deveria realmente ir em frente com o fato de não conseguir escrevê-las. Decidi me afastar do computador e da sugestão de que eu poderia estar à beira de uma boa ideia. Iria me encontrar com todos os vendedores do *PennySaver* que concordassem em me receber. Me obrigaria a fazer isso como um trabalho. Arranjaria um gravador melhor e sairia de carro por Los Angeles inteira como uma assistente social inexperiente e inútil. Por quê? Pois é. Era a pergunta a ser respondida por meu novo trabalho.

Todas as vezes que eu tinha que discar para o número de um estranho, eu precisava me esforçar, mas me obriguei a fazer isso, porque eu estava sem saída; não telefonar seria o começo de não fazer um monte de outras coisas, como sair da cama. Comecei pelo primeiro item à venda (duas taças de champanhe de prata, gravadas com o ano 2000, vinte dólares) e fui seguindo a lista. A maioria das pessoas não queria ser entrevistada, então, quando alguém concordava, eu me sentia lisonjeada, como se tivessem me dito: "Sim, e depois que você me pagar cinquenta dólares pela entrevista, vou pagar *a você* um milhão e meio de dólares para financiar o seu filme". Porque esse era o outro problema. Com o tempo que eu havia levado para escrever o filme, minhas economias tinham virado pó. De repente, todas as empresas que um ano antes tinham ficado tão animadas para me conhecer não financiavam nada que não tivesse Natalie Portman como estrela. O que meio que me fez abraçar o movimento *Riot Grrrl* — eu saía das reuniões civilizadas em Beverly Hills me vendo dar meia-volta e entrando lá nua, com alguma coisa perfeita rabiscada na minha barriga com pincel atômico preto. Mas qual seria a resposta perfeita para uma insensibilidade lógica e cautelosa? Eu não sabia. Então, continuava vestida e ia para a casa de alguém que *tinha* me dito sim, sem questionamentos. Uma mulher que vendia trajes da Índia por cinco dólares cada um.

PRIMILA

—

TRAJES DA ÍNDIA
US$ 5 CADA

—

ARCADIA

—

Eu achava que pessoas muito ricas não anunciavam no *PennySaver*, mas, quando chegamos a uma casa com torreões e talvez até balaustradas, dependendo do que fosse isso, revi minha opinião. E, quando ouvi as notas longas da campainha musical de Primila, pensei em rever muito mais — minha sexualidade, minha profissão, meus amigos; tudo isso se desmanchou no ar enquanto aqueles sinos tocavam. Seria assim com as igrejas? E se eu me tornasse evangélica neste instante? Cruzei os braços para impedir que isso acontecesse e me lembrei de ficar atenta a conselhos misteriosos e mensagens em código. Em qualquer roteiro do tipo busca espiritual, era preciso ficar muito alerta; eu me mantinha de sobreaviso para algo como "As árvores têm olhos". Não faria nenhum sentido na ocasião, mas depois me salvaria a vida.

Uma indiana de meia-idade abriu a porta. Ela não usava trajes típicos, apenas uma roupa normal de mãe de família riquinha e conservadora. Tinha nas mãos um mata-moscas e cordialmente nos convidou para entrar, enquanto batia nas moscas com ferocidade.

Miranda: Muito obrigada por nos receber.

Primila: Então, você pode me contar um pouco mais do que se trata? Você tem algum folheto ou alguma coisa escrita sobre o que você faz ou sobre sua empresa?

Miranda: Estou só entrevistando pessoas. Estou interessada apenas em obter uma visão das pessoas e daquilo pelo que elas se interessam, ter uma noção da história de vida delas. Sou escritora e costumo escrever ficção, mas isto é... você sabe, sempre sinto curiosidade pelas pessoas. Então esta é uma oportunidade de...

Primila: Você escreve ficção? Trabalha com algum tema em especial? Tem alguma encomenda, segue alguma tendência?

Miranda: Eles são... quer dizer, caramba! Em geral é sobre pessoas tentando se conectar de algum jeito, e a importância disso. E sobre as várias maneiras de como as pessoas meio que fazem isso ser mais difícil do que o necessário.

Primila: É apenas curiosidade, porque assim de repente...

Miranda: Eu sei, eu sei. Então, sei que já conversamos um pouco por telefone, mas agora que estou gravando... O que levou você a anunciar... o que você está vendendo no *PennySaver*?



Primila: Estou vendendo alguns trajes da Índia. Tenho uma boa quantidade deles. Estou tentando fazer duas coisas. Uma é levá-los a pessoas que provavelmente apreciariam esse tipo de traje étnico e que em geral não têm oportunidade de possuir um. Tudo começou, eu acho, no ano passado, em julho. Fomos para a Índia, para uma aldeia de lá. Meu marido tem um interesse especial por esse lugar, porque sua avó era dessa aldeia. Nos últimos tempos, devido à falta de chuvas e tudo o mais, as colheitas foram escasseando. As pessoas da aldeia disseram: "Você pode nos ajudar mandando algum dinheiro? Estamos precisando de um sistema de irrigação motorizado".

Então, organizei um evento em casa e vendi todos os trajes indianos que eu tinha trazido da Índia. Fiz isso dois dias, dois sábados, e levantei cerca de... acho que foram algumas centenas de dólares... Mandei tudo para lá, e eles conseguiram a tal bomba motorizada.

Em abril, meu marido voltou para lá, e eles estavam muito felizes com o sistema de irrigação, mas agora querem expandir seus campos. Eu pensei: Vou pôr um anúncio no *PennySaver* e talvez encontre pessoas que queiram comprar as roupas. Veio uma senhora e levou muita coisa, porque ela trabalha como figurante em filmes e é uma mulher latina. Disse que às vezes eles querem que ela se vista como indiana. Então, ela adorou tudo aqui.

Miranda: De que lugar da Índia você é?

WALESPUR - "(WALLACEPUR)

Fields - 'haystacks'



PRIM - by the well used for irri



children by the well. →





Susie, Pratibha & Prim in the fields ↓ →





Village Children - reading

Ivan and family beside Remus' house.





Wedding in the village

"Village folk" -





Primila: Bombaim. Meu pai era meteorologista do aeroporto de Bombaim. Então construímos uma casa perto do aeroporto. Uma casa grande, enorme, de três andares.

Miranda: Você sabe me dizer qual é a sua lembrança mais antiga?

Primila: Sei. Eu tinha dois anos. Estava num navio, indo de Bombaim para a Inglaterra. Era como uma grande casa de bonecas. Naquela época, as pessoas não viajavam de avião, só de navio. Eu tinha apenas dois anos e me lembro muito bem de tudo. Eu me chamo Primila, mas dizia para todo mundo que meu nome era sra. Haggis. Não sei por que ou como. Minha mãe conta a história de como aquela menininha — eu tinha cachos — ficava cercada por um grupo de pessoas que perguntavam a ela: "Como é o seu nome, menina?". E eu respondia: "Sra. Haggis". Insistia que esse era o meu nome. Eu nunca tinha comido *haggis*, então não sei de onde... Talvez eu tenha ouvido falar de *haggis* e pensado... você sabe... é um prato inglês.

Primila me mostrou a casa. Era imaculada e feminina, forrada de carpete branco e enfeitada de bonecas grandes com vestidos de babados. E, mesmo sabendo que eu não era repórter nem alguém de prestígio, começou a me contar coisas sobre si mesma, como Michael tinha feito, como se a entrevista realmente valesse alguma coisa. Ocorreu-me que a história de cada pessoa interessa demais a ela própria, então quanto mais eu ouvia, mais ela queria falar.

Primila: Eu escrevo poemas com um tema ou uma mensagem. "Cada dia é um presente" foi um tema. Aí, depois do Dia de Ação de Graças, escrevi "Dez razões para agradecer". Há outro, "Procure o arco-íris". Tantas coisas me aconteceram, mas ainda tento me manter sempre pra cima e positiva a qualquer custo. Perdi minha irmã de uma forma trágica, de câncer, há alguns anos. Ela teve câncer de cólon, quarto estágio. Tinha

trinta e cinco anos e quatro filhos pequenos. Não queriam dar o visto para ela vir aos Estados Unidos, e ela estava no último mês. Eu falava com a embaixada na Índia e era sempre não, não, porque eles não acreditavam; ela parecia tão saudável, daí eles não acreditavam.

Era Ação de Graças aqui nos Estados Unidos. Então no dia seguinte eu acordei e pensei: Vou falar com o funcionário mais graduado. O nome dele era Tom Fury, ainda me lembro. Era toda aquela hierarquia de gente. Finalmente ele veio ao telefone e eu disse: "Sr. Fury, eu só quero lhe dizer uma coisa. Se minha irmã não conseguir, eu ficarei em paz porque fiz tudo o que podia. E ela sabe quanto eu a amo". Depois eu disse: "Quem quer que tenha sido um instrumento para negar a ela esta última oportunidade terá que viver com isso pelo resto da vida e terá que responder por isso no Dia do Juízo Final". Foi tudo o que eu disse, e "Muito obrigada". E isso de eles não concederem o visto já durava três meses.

Às duas da manhã o telefone tocou. Era minha mãe, da Índia. "Primila, você não vai acreditar. Ligaram da embaixada. Concederam o visto para a família inteira." E, quando meu irmão foi buscar os vistos, eles disseram que aquilo nunca havia acontecido na história da embaixada.

Ela morreu no dia 24 de dezembro. Nós a enterramos no dia 31 de dezembro, em Forest Lawn. Então fiquei com os filhos dela, e os criei. Por isso, aconteça o que acontecer, eu sempre tento compartilhar as coisas que podemos aprender com o que acontece na nossa vida, como podemos ajudar os outros.

Miranda: E como você ganha a vida?

Primila: Sou diretora de reabilitação em um hospital. Trabalho lá há vinte e três anos. Sou tão apaixonada pelo meu trabalho que

em vinte e três anos nunca tive uma falta que não fosse programada. Nunca cheguei e disse: "Hoje não vou". Mas hoje eu tranquei a minha porta sem querer — sempre tranco a porta do meu quarto quando meu marido está na Índia — e percebi que minha bolsa tinha ficado lá dentro com a chave do carro. Eu não sabia o que fazer. Fui lá e sacudi a porta. Ela não abriu. Então pensei: O que eu faço? Vou ligar para o meu filho. Aí meu filho diz: "Mãe, você nunca ficou doente. Estou ocupado. Talvez hoje seja a primeira vez na sua vida... que você tem um motivo: você está sem carro". Eu disse: "Você não pode estar falando sério. Eu nunca faria uma coisa dessas". No dia que eu cair morta aí eu não apareço no trabalho. Então fui lá em cima de novo, sacudi um pouco mais a porta e consegui tirá-la do lugar.

Miranda: Você arrombou a porta?

Primila: Sim.

Primila nos levou ao andar de cima e nos mostrou a porta saindo das dobradiças, e depois chamou nossa atenção para duas paredes da casa onde um pequeno quadrado havia sido removido. Disse-me para adivinhar para que serviam aqueles buracos, e eu respondi que não fazia a menor ideia.

Primila: Tudo bem, vou contar, porque é uma história engraçada. Um dia, eu estava no trabalho, meu sobrinho Benny me telefona e diz: "Tia, estou ouvindo vozes na parede. Não vêm do teto, vêm da parede mesmo". Eu disse: "Que bobagem!". Mas quando cheguei em casa eu ouvi, e era verdade; no closet, atrás da parede — dentro da parede —, havia um miau, miau. Então meu genro abriu um buraco na parede do closet e pôs um pouco de comida lá dentro. E de manhã lá estava o mais lindo gatinho branco e preto, com apenas duas semanas de

vida.

E então, uma ou duas semanas depois, logo atrás do aquecedor, ele me chama e diz: “Tia, tem outro miau aqui”. E era verdade, abrimos um buraco ali e outro gatinho apareceu. E depois aconteceu mais uma vez! Uma árvore tinha crescido acima da nossa parede, a gata tinha subido, feito um buraco no nosso telhado e entrado no sótão para ter seus filhotes. E eles estavam caindo pelo vão do isolamento térmico. Minhas filhas estão casadas e estou esperando pelos netos, e a piada é que a cegonha só traz bebês de quatro patas para a minha casa.





Antes de irmos embora, ela me mostrou como vestir um sári corretamente. Enquanto ela enrolava o tecido em volta dos meus quadris, percebi que iria me juntar à atriz latina quando Primila contasse sua história sobre as pessoas que haviam respondido ao anúncio. Eu tinha me achado escandalosamente ousada, mas os vendedores do *PennySaver* não se preocupavam muito em convidar desconhecidos para entrar em sua casa. Então eu não precisava ficar tão nervosa... Podia abandonar a voz de *Leave it to Beaver* e me concentrar nas pistas secretas que cada pessoa tentava me transmitir.

Naquela noite, escrevi: (1) *Cada dia é um presente* e (2) *Procure o arco-íris*. Presente. Arco-íris. Primila era uma bruxa derrubando portas e ameaçando funcionários com a danação eterna. Tinha adotado quatro filhos e três netos de quatro patas. Risquei as pistas um e dois. Eram obviamente mensagens enganadoras. Claro que a verdade não seria docemente escondida por um lema, porque eu não era nem João nem Maria. Minha investigação foi inconclusiva, mas não foi de faz de conta, eu não estava num conto de fadas ou numa fábula. Fechei os olhos e absorvi o *puuuf* silencioso que sempre acompanha essa revelação. É o som do mundo real, gigantesco e improvável substituindo a versão menor da realidade que uso como um gorro, amarrada com firmeza sob o queixo. Seria preciso uma vigilância constante para não substituir as pessoas pela minha própria versão ficcional delas.



PAULINE E RAYMOND

—

MALA GRANDE
US$ 20

—

GLENDALE

—

Pauline se mostrou ansiosa por telefone, começou a me contar sua vida antes mesmo de eu fazer a pergunta ou oferecer os cinquenta dólares. Ela morava em uma parte bonita de Glendale, bairro do meu ex-namorado. Enquanto eu fazia aquele caminho tão familiar, pensei e se fosse a mesma rua, a mesma casa, e se fosse ele que estivesse vendendo a mala, e se a mala fosse minha, alguma coisa que eu tivesse esquecido, e se eu a comprasse e dentro encontrasse eu mesma criança, ou meu pai criança, ou um filho meu criança, o filho que eu ainda não tinha encontrado tempo para ter? Mas, como o nome do meu ex-namorado não era Pauline, passei direto pela rua dele e estacionei em outra, algumas quadras adiante. De novo uma casa grande e imponente. Pauline tinha uns setenta anos e no mesmo instante começou a me mostrar fotos e a me contar histórias do seu grupo de cantores amadores, o Mellow Tones.

Pauline: Nós cantamos "Two Sleepy People", "Hello, Dolly"...

Miranda: Que foto é essa de você segurando um revólver?

Pauline: Ah, sou eu... é, sou eu. Bem, em outras palavras, você pode me chamar de canastrona. Isso é o meu *pot-pourri* de George Cohan... esqueci o nome do que eu cantava. "Hello, My

Honey", acho. Ainda canto, mas fiz uma operação na orelha por causa de um carocinho, que depois eles descobriram ser duas células cancerosas. Então tiveram que cavar mais fundo. E por causa disso perdi um pouco a audição e as coisas ficaram confusas. Não sei qual é o som da minha própria voz. Então larguei os grupos de canto.

Miranda: Então é a sua mala que você está vendendo no *PennySaver*?

Pauline: A mala? Ah, é, ela está no saguão. Você quer vê-la?

Miranda: Talvez fosse bom vê-la.

Pauline: É claro, foi para isso que vocês vieram.

Fiz que sim com a cabeça, mas em seguida dei de ombros, numa sugestão de que minhas razões para estar lá evoluíam e se ampliavam sem parar.







Miranda: Por que a está vendendo?

Pauline: Bem, quando minha filha e meu neto se mudaram para cá, uma porção de coisas precisou ser vendida. Ela disse: "Onde você vai conseguir um lugar para as minhas coisas?". Então precisei me desfazer de uma porção de livros e apertar tudo. Vendi lençóis — roupas de cama — e colchões. Vendi quadros. O que mais eu vendi? A cama.

Miranda: Como você publica os anúncios? Você tem computador?

Pauline: Eu telefono. Eu redijo o anúncio — tem um jeito especial de fazer isso, você só pode pôr umas tantas palavras. O *PennySaver* publica o anúncio do seu objeto de graça se ele custar menos de cem dólares. Então isso ajuda muito. Mas vender um de cada vez é um trabalho que não tem fim.

Miranda: E quando sua filha e seu neto se mudaram para cá?

Pauline: Já faz uns dois ou três anos. Ou quatro?

Raymond: Sete anos.

Era o neto de Pauline — ele havia surgido do nada. Tinha entre trinta e quarenta anos e usava um aparelho de surdez. Um cachorro muito magro vestido com uma camisa listrada de rúgbi seguiu-o até a sala.



Pauline: Sete anos? Não brinca! Ai, não. Como o tempo passa!

Raymond: Eu comecei a trabalhar um ano depois.

Miranda: Onde você trabalha?

Raymond: Sou motorista de uma empresa. Entrego manequins.

Miranda: Você entrega manequins?

Pauline: Manequins nus.

Miranda: Manequins nus.

Raymond: Nós os fabricamos, vendemos e alugamos. E consertamos também.

Pauline: Ele conheceu algumas pessoas também, não foi?

Raymond: Conheci um monte de gente.

Pauline: Celebridades.

Raymond: Não muitas.

Pauline: Você podia dizer algumas.

Raymond: Conheci algumas. Cameron Diaz... eu conheci. E Mark Jenkins.

Miranda: Que legal. Você tem alguma foto sua com os manequins?

Raymond: Tenho um manequim lá em cima.

Miranda: Sei. Talvez a gente vá lá dar uma olhada.

Raymond: Posso trazer.

Miranda: >A gente pode subir. Não precisa trazê-lo aqui para baixo.



Enquanto subíamos as escadas, comecei a perceber que o tamanho da casa era uma ilusão. Esses eram os parentes pobres do antigo dono. Tanto a mãe quanto o neto tinham comida e uma geladeira pequena em seus quartos, vivendo neles como em minúsculos apartamentozinhos com cozinha e banheiro compartilhados. Antes de olharmos o manequim, Raymond me mostrou uma foto sua com a atriz Elizabeth Hendrickson, de *All My Children*.

Raymond: Eu a conheci na Disneylândia. Precisamos ficar duas horas esperando na fila.

Miranda: E como ela é? O que você gosta nela?

Raymond: Ela é simpática. E bonita, é linda.

Em seguida ele me mostrou o manequim. Era igualzinho a Elizabeth Hendrickson.

Miranda: Então isto... quer dizer... é meio parecido com ela. Por que é tão parecido com ela?

Raymond: Eu me baseei numa foto dela.

Miranda: Você é que fez o rosto dela?

Raymond: Meu chefe.




Cheerios
Cheerios



Miranda: Ah, seu chefe.

Raymond: É, ele é que fez.

Miranda: Pela foto. E ele fez isso só para você?

Raymond: Foi.

Miranda: Ah, que gentil.

Raymond: Ele pôs no molde.

Miranda: Isso custa caro? Quer dizer, você teve que comprar?

Raymond: Se uma pessoa qualquer fosse comprar, provavelmente custaria uns mil e quinhentos dólares. Ele me deu um desconto.

Miranda: Estou vendo que você tem dois computadores. O que você faz nos computadores?

Raymond: Mando e-mails. Mando e-mails para os meus amigos. Às vezes para a minha irmã, se preciso perguntar alguma coisa. E baixo músicas.

Miranda: Que tipo de música?

Raymond: Dido.

Miranda: Ela é legal.

Raymond: Foi ruim demais o Michael Jackson ter morrido.

Miranda: É.

Raymond: Fiquei arrasado.

Miranda: E bem antes da grande turnê dele.

Raymond: É a minha geração.

Miranda: Quantos anos você tem?

Raymond: Trinta e nove.

Miranda: Eu tenho trinta e cinco.

Raymond: Então é a nossa geração.

Miranda: É isso aí.

Era um alívio encontrar alguém com quem eu tinha pelo menos alguma coisa em comum. Michael, Primila e Pauline haviam me esgotado com sua sinceridade e sua pitoresca falta de habilidade, mas Raymond e eu éramos da mesma geração, sabíamos clicar em coisas, tínhamos uma versão do nosso nome com um @ nele. Quando saí do quarto, eu disse alguma coisa como "Talvez a gente se veja por aí", como se toda a nossa geração costumasse se reunir num café.

Mas no instante em que voltei para o carro soube que nunca mais o veria de novo. De repente, me pareceu óbvio que o mundo todo, e Los Angeles em especial, tinha sido projetado para me proteger dessas pessoas que eu estava encontrando. Não havia nenhuma lei contra conhecê-las, mas isso não iria acontecer. Los Angeles não é uma cidade em que se anda a pé ou uma cidade com metrô, então, se alguém não estiver na minha casa ou no meu carro, nós nunca vamos estar juntos, nem mesmo por um instante. E, só para ter absoluta certeza disso, quando saio do carro o meu iPhone me acompanha, deixando todo mundo na agência de correios saber que eu não estou realmente com eles, estou com a minha própria gente, tão divertida que não posso deixar de sorrir sozinha enquanto respondo às mensagens deles.

Não que eu estivesse encontrando só um tipo de gente através do *PennySaver*, ou que todo mundo vendesse coisas pelo mesmo motivo. Michael era pobre, Pauline era mais solitária do que pobre, Primila, apenas antiquada. Mas até agora havia uma coisa em comum, algo tão óbvio que só precisei de um instante para perceber. No processo de tentar tranquilizar as pessoas para quem eu telefonava, eu dava um jeito de mencionar que eu era alguém mais ou menos situada na vida — não uma estudante, mas uma escritora já publicada. Digitem "Miranda July" no Google, eu sugeria (Faço isso o dia inteiro!). Mas eles não eram usuários do Google. Gente que publica anúncios na edição impressa do *PennySaver* não tem computador — claro que não,

ou teriam usado um site de anúncios digitais como a Craigslist.

E, enquanto eu circulava e comparava os anúncios, o próprio folheto impresso começou a me parecer uma espécie de relíquia. Em alguma terça-feira futura, o número de pessoas sem computador seria pequeno demais, e o folheto simplesmente não chegaria. Isso me deixou um pouco ansiosa, então liguei para o *PennySaver* e perguntei se eles existiriam para sempre.

— O conceito *PennySaver* sempre existirá — disse Loren Dalton, presidente do *PennySaver* eua (que na verdade atende apenas a Califórnia) —, mas não necessariamente no formato impresso. Por isso temos investido bem pesado na área digital... Internet, celular, estamos nos preparando para fazer algumas coisas para iPad.

Mas ele garantiu que nada iria acontecer agora, não durante a recessão. O *PennySaver* sempre foi mais forte quando a economia esteve mais fraca; a primeira edição foi impressa durante a Grande Depressão na garagem de alguém. O termo nunca tinha sido registrado, então o *PennySaver* de Maryland não pertencia ao *PennySaver* da Flórida nem ao *PennySaver* de Nevada. Todos tinham começado suas versões online na última década, e todas as versões impressas vão acabar na próxima década.

Assim, a recessão de agora talvez fosse o último grande momento do *PennySaver*. Em 2009, o slogan interno da empresa era "Nossa hora é Agora". Soava como uma abordagem bastante otimista da crise. Reivindiquem! Possuam. E viva a recessão! O *PennySaver* abastecia pessoas para quem dez dólares valiam muito — pessoas que economizavam centavos. O que, agora, significava um monte de gente.

ANDREW

—

GIRINOS DE RÃ-TOURO
US$ 2,50 CADA UM

—

PARAMOUNT

—

Quando meus amigos me perguntavam como estava indo o meu roteiro, eu respondia contando sobre meu novo trabalho como repórter para um jornal que não existia, entrevistando pessoas que eu descobria num folheto enviado por mala direta que logo seria extinto. E como a maioria das pessoas para quem telefonava me rejeitava, aquelas com quem eu me encontrava não eram aleatórias — nós nos escolhíamos mutuamente.

Paramount estava completamente fora do que eu conhecia de Los Angeles. Limitei-me a fazer o que o gps mandou, e lá estava eu. Fazia mais calor do que onde eu morava, a pavimentação nova e ofuscante mal disfarçava o deserto. Como cheguei muito cedo, fiquei subindo e descendo as ruas de carro, passando por fileiras de casas novas e idênticas. Imaginei o homem que havia construído todas elas, uma das mãos segurando o martelo e a outra batendo na testa pela milésima vez ao se dar conta de que sua mais nova criação, de novo, era exatamente igual à última casa que ele havia construído, ali ao lado. Detesto quando fico tendo o mesmo pensamento ruim, então decidi simpatizar com o homem. Parecia um bairro violento para uma rã-touro que apenas estava começando a vida, um girino. Apressei-me em voltar para o endereço, agora atrasada. Sempre me atraso, e é

sempre porque chego cedo demais.

Andrew revelou-se um jovem de dezessete anos com três tanques no quintal. Meninos adolescentes nunca fizeram muito sentido para mim, e desde o ensino médio eu praticamente os evitava. Mas Andrew era um tipo de adolescente que eu conhecia: o meigo e solitário curioso. Meu irmão também tinha construído tanques na escola. Os de Andrew estavam cheios de jacintos aquáticos e dos peixes especiais que comem ovos de mosquitos. Folhas de nenúfares flutuavam ao sol e as rãs pareciam felizes, como toda rã suburbana.

Miranda: Como você fez isso?

Andrew: Eu só cavei.

Miranda: Você estudou a respeito de tanques? Como descobriu isso?

Andrew: Na verdade eu não estudei. As pessoas me falaram. Aos poucos, foi dando tudo certo.

Miranda: Por que você gosta disso?

Andrew: Não sei. É relaxante. Observar tudo isso me relaxa muito.




6638
6638



Concordei com a cabeça, fingindo que também estava relaxada. Vi a luz do sol brilhando na água e pratiquei a integração mente-corpo por alguns segundos, hiperventilando em silêncio.

Miranda: Você já tinha posto algum anúncio no *PennySaver*?

Andrew: Nunca tinha tentado. Ele chega toda quarta ou quinta-feira. Eu só comecei a olhar para ele e disse: "Vamos experimentar isso". Eu só queria experimentar para ver. E meio que funcionou mesmo.

Miranda: Ah, é? Teve gente que comprou os girinos?

Andrew: É. As pessoas gostam deles. Ficavam meio chocadas, porque ninguém conseguia realmente encontrar um girino de rã-touro.

Miranda: Os girinos estão aqui?

Andrew: Deixe eu tirar esta planta daqui e você vai ver.

Ele ergueu um monte de plantas gotejantes e pegou um girino na água.

Miranda: Uau, eles estão ficando mesmo com cara de rãs. Pensei que fossem menores. Isto deve ser bem empolgante, porque de repente você vai ter um monte de... quer dizer, em que velocidade acontece?

Andrew: A transformação?



Miranda: É.

Andrew: Bem rápido. Eu diria que este aqui só tem mais algumas semanas.

Miranda: Estou imaginando o tipo certo, com a coisa grande e branca que vai fazer um barulho assim... bom, eu não vou fazer o barulho.

Andrew: É.

Miranda: Então vai ser assim meio incrível... você vai ter aquele som.

Andrew: Por toda parte. É muito alto.

Miranda: Isso vai ser uma surpresa para os vizinhos.

Andrew, atento, observava um pombo que tentava decidir onde pousar e que depois se empoleirou nervosamente perto do tanque.

Andrew: Olhe o pombo. Eu nunca tinha visto isso. O tanque atrai a vida selvagem. Atrai todo tipo de animais.

Miranda: Que outros tipos?

Andrew: Lagartos também.

Miranda: Acho que grande parte da cidade não deve parecer muito acolhedora para um animal, portanto isto aqui é um pouco como...





Andrew: É, o hábitat deles.

Miranda: E se, enquanto estivermos aqui, leões e antílopes começarem a chegar?

Andrew: Seria uma loucura.

Miranda: O que seus pais fazem? Estão trabalhando agora?

Andrew: Meu pai acabou de ser despedido. Ele trabalhava em Buena Park, perto da Knotts Berry Farm. Era zelador. Foi despedido, então agora está em casa. Passamos mais tempo com ele agora. Minha mãe, ela trabalha na Kaiser.

Eu estava torrando no sol, então entramos, passando na ponta dos pés pelo pai, que assistia tv, e fomos até o quarto de Andrew. Instintivamente fechei a porta depois que entramos... Por que os adolescentes sempre deixam a porta do quarto aberta? Mas então isso pareceu estranho — eu era uma desconhecida —, aí reabri a porta e deixei uma fresta.

Miranda: Os seus pais esperam alguma coisa de você agora que se formou? Você tem algum projeto?

Andrew: Ir para a faculdade, ter uma boa formação, começar uma carreira.

Miranda: Para onde você vai?

Andrew: Long Beach. Já me matriculei. Tenho os folhetos e tudo o mais.

Miranda: E você quer estudar o quê?

Andrew: Eu quero fazer engenharia, com aviões e tudo o mais, trabalhar com motores ou coisa parecida. Não sei. Alguma coisa usando as mãos, como um mecânico.

Miranda: E, além de um emprego, além da faculdade e depois de um emprego, que coisas você visualiza no seu futuro?

Andrew: Visualiza?

Miranda: O que você imagina?

Andrew: Tipo no futuro?

Miranda: É, qualquer coisa.

Ele olhou para o teto, invocando uma visão como se eu tivesse lhe pedido para realmente ver seu futuro.

Andrew: Eu provavelmente me imagino, acho, estando na floresta e coisas assim... nas montanhas, alguma coisa assim, perto da vida selvagem.

Miranda: Então, talvez não aqui.

Andrew: Não, aqui não.

Algo se mexeu no terrário de Andrew; pensei que fosse uma tartaruga, mas aí olhei de novo.

Miranda: Uau!

Andrew: É. É a minha aranha de estimação.

Miranda: É uma tarântula?

Andrew: É. Ela não morde. Está tudo bem.

Miranda: Tá legal. Bom saber que há uma tarântula atrás de mim. Então tá. Qual foi o momento mais feliz da sua vida até agora?

Andrew: O momento mais feliz? Eu diria que foi a festa de formatura que minha mãe e meu pai fizeram para mim.

Miranda: Aposto que eles ficaram muito orgulhosos.

Andrew: É. Ficaram orgulhosos. Um dos meus objetivos era terminar o ensino médio.

Miranda: Foi difícil?

Andrew: Bom, para mim não foi tão difícil. Eu estava na Educação Especial, e lá os professores não esperam muito da gente. É fácil.

Miranda: Foi muito fácil?

Andrew: Bem fácil. Poderia ter sido mais difícil. Eles não tentam ensinar porque acham que a gente não vai ser capaz de absorver a informação que estão dando.

Miranda: Você sabe por que estava na Educação Especial?

Andrew: >Não. Estive lá desde 2000.



Miranda: Então... desde que você tinha oito anos.

Andrew: É. Eles só me deram a minha papelada, e no papel diz que é porque eu sou lento para me lembrar.

Miranda: É verdade?

Andrew: Lá diz que parece que quando estou na sala de aula fico devaneando. O professor deve achar isso porque eu não converso com as pessoas na classe, porque não conheço ninguém. Eu só sento lá e faço as lições e não falo com ninguém. Acho que o professor deve pensar que estou devaneando porque não interajo com os outros.

Miranda: O que você gostaria de ter aprendido mais?

Andrew: Acho que ciências. Nas minhas aulas de ciências, não podíamos fazer experiências. Se você der uma faca, ou coisa parecida, a alguns alunos da Educação Especial, eles vão ficar brincando, e acho que eles realmente não confiavam em nós, por isso preferiam não dar materiais para que a gente pudesse fazer experimentos e esse tipo de coisa. Eu meio que ficava furioso com essa parte. Não podíamos fazer experiências, enquanto as outras crianças faziam projetos e tudo o mais. Nós nunca tivemos uma chance dessa.

Miranda: E você teria sido muito bom em biologia e...

Andrew: Todas essas coisas. É uma loucura.

Miranda: Isso me deixa furiosa.

Andrew: Isso me deixava furioso.

Miranda: Não é todo mundo da sua idade que constrói um tanque inteiro e mantém tudo vivo. Eu me pergunto quanto a sua faculdade vai dar atenção a esses papéis e se você poderá ter uma espécie de recomeço.

Andrew: Eles vão dar atenção. A minha orientadora me disse para eu levar todas essas informações ao serviço de Educação

Especial ou coisa assim.

Miranda: Parece que poderia ser fácil para você trabalhar tanto como guarda-florestal, ou coisa parecida, quanto em aviões... quer dizer, se tivesse escolha.

Andrew: Eu não sei, porque as pessoas dizem que é difícil. E eu não sou muito bom com tudo isso. Quando quero fazer uma coisa, quero saber que eu posso ir até o fim, mas, se eu começar a pensar que a longo prazo aquilo vai ser superdifícil, eu meio que dou um passo para trás.

Miranda: Bem, ainda mais se você já teve gente dizendo que você não é bom nisso. Aí aprender a ir até o fim fica uma coisa difícil mesmo. Pelo menos você já é quase um adulto... há coisas boas nisso. Na escola você não tem direitos de verdade, mas na faculdade...

Andrew: É. Agora é só comigo.

Era tentador dar alguns conselhos; estive a um passo de lhe oferecer um estágio no trabalho do meu irmão, de recuperação de áreas úmidas. Mas eu parecia ter a tendência a procurar o problema de cada pessoa e com isso esquecer tudo o mais sobre ela. Então, tentei ver o que mais Andrew era, além de um perdido no sistema. Ele estava um pouco irritado, porém, mais do que isso, orgulhoso. Daí, mudei de abordagem; disse o oposto do que eu estava sentindo, e foi mais verdadeiro.

Miranda: Então nós pegamos você numa espécie de momento emocionante de sua vida.

Andrew: Ah, é um momento muito bom mesmo.

Miranda: Isto é meio idiota de dizer, mas você é como um girino prestes a se transformar.

Andrew: É. É verdade.

Miranda: Você é um desses que daqui a pouco tempo serão adultos.

Andrew: Você tem razão, um girino.

Por um instante, senti o tempo como ele sentia — interminável. Na verdade, não importava que seus sonhos de vida selvagem estivessem na direção oposta do hangar para onde ele estava indo, porque havia tempo para várias vidas. Tudo ainda podia acontecer, portanto nenhuma decisão poderia ser muito errada. Aquilo era exatamente o oposto de como eu estava me sentindo com trinta e cinco anos. Voltei de Paramount me achando uma velhinha, como os personagens do meu roteiro.


HIGH ENDURANCE
Class of 2009!
Class of 2009!

Sophie: Daqui a cinco anos vamos ter quarenta anos.

Jason: Quarenta é quase cinquenta, e depois de cinquenta o resto é só troco miúdo.

Sophie: Troco miúdo?

Jason: Com ele não dá pra comprar nada que a gente quer.

Eu sabia que não era bem verdade, mas a sensação era paralisante. Não havia mais tempo para cometer erros ou fazer coisas sem saber por quê. E cada coisa que eu fazia precisava ser mais incrivelmente desafiadora do que a anterior, que tinha sido de arrepiar os cabelos, já que desde o início eu estava em total desespero.

A primeira coisa que fiz profissionalmente — isto é, para ser mostrada a um pretenso público — foi uma peça sobre a minha correspondência com um homem na prisão. Comecei a escrever para Franko C. Jones com catorze anos. Eu tinha encontrado o endereço dele nos classificados (onde mais?), numa seção que tudo indica já não existir mais chamada "Correspondentes na prisão". Quando eu era menor, meu pai lia para mim *The minds of Billy Milligan* antes de dormir, a história real de um ladrão e estuprador com distúrbio de personalidade múltipla (meu pai gostava de ler para mim livros nos quais ele próprio estava interessado). Assim, minha simpatia por presidiários era uma espécie de tradição familiar; posso até ter escrito a primeira carta para Franko porque queria fazer uma coisa que meu pai achasse interessante. Mas depois continuei escrevendo para ele por três anos, todas as semanas.

A distância entre um assassino de trinta e oito anos cumprindo seu décimo oitavo ano em Florence, no Arizona, e uma estudante de dezesseis anos da escola preparatória de Berkeley, na Califórnia, fica romântica em escala, como o tamanho de um oceano ou do espaço sideral. Atravessá-la parecia ser uma das poucas coisas a meu alcance que podiam ser sagradas ou transcendentes. Venho tentando há muito tempo, há décadas, levantar um pouquinho a tampa, para ver o que há

embaixo da margem da vida e de alguma forma dar um flagrante nele — este "ele" não sendo Deus (porque a palavra *Deus* faz uma pergunta e costuma respondê-la antes que haja alguma chance de a gente dar uma pensada), e sim alguma coisa nessa direção. Escrevíamos sobre notas escolares, motins penitenciários (Franko gravou os sons de um), meus amigos (Johanna, Jenni), os amigos dele (Lefty, Caolho), e tudo o mais em nossa vida, exceto sexo, que no início eu disse estar fora dos nossos limites.

Escrevi a peça porque eu não conseguia explicar essa relação, conversas sobre ela terminavam mal e eu queria ser compreendida em grande escala. Pus um anúncio para o elenco no jornal semanal gratuito e fiz as entrevistas em um clube de reggae. Escolhi um terapeuta de dependentes de álcool e drogas por volta dos trinta anos para ser Franko, e a personagem baseada em mim foi interpretada por uma latina de vinte e poucos anos chamada Xotchil. (Achei que me levariam mais a sério como diretora se eu não atuasse também — coisa de que sempre me esqueço hoje em dia.) Ensaiamos no meu sótão e encenamos a peça *The Lifers* no número 924 da Gilman Street, um clube punk. Aluguei cadeiras numa igreja e me sentei com meus amigos, parentes, amigos dos meus parentes e alguns roqueiros punks atônitos. Juntos, assistimos àquela representação da minha improvável amizade e seu desajeitado anseio espiritual. Eu estava ao mesmo tempo tão eletrizada de vergonha e orgulho que, um terço antes do fim da peça, levantei da cadeira e me arrastei até o canto do palco. Não sei bem o que eu planejava fazer dali — talvez parar o espetáculo ou redirecioná-lo enquanto ele prosseguia. O terapeuta me olhou feio lá do palco e eu me esgueirei de volta para o meu lugar. E fui obrigada a simplesmente aguentar.

BEVERLY

—

FILHOTES DE GATOS-DE-BENGALA
PREÇO A COMBINAR

—

VISTA

—

Filmes são a única coisa que faço que me deixa na mão de financiadores, e é em parte por isso que faço outras coisas também. Escrever é de graça e posso ensaiar uma performance na minha sala; pode acontecer que ninguém queira publicar o livro ou apresentar o espetáculo, mas pelo menos eu não fico esperando permissão para fazer a coisa. Ter um roteiro e nenhum dinheiro para realizá-lo seria quase pior do que não ter um roteiro e alimentar o sonho de alguém querê-lo. Às vezes parecia que eu só estava fingindo que o script não estava pronto, para livrar a cara, para me permitir alguma sensação de controle. E, num nível mais supersticioso, no íntimo eu acreditava que o financiamento viria quando eu tivesse terminado minha busca espiritual, aprendido o que eu precisava saber. Os deuses estavam na beirinha da cadeira, desejando que eu fizesse tudo certo para que eles pudessem me recompensar.

Eu vinha evitando Beverly porque Vista, no mapa, parecia perigosamente distante. Mas ou eu estava ficando mais intrépida, ou meu tempo parecia menos valioso. Se, na pior das hipóteses, em Vista eu não conseguisse encontrar o caminho de volta para casa, poderia simplesmente ficar morando lá. Então, liguei para Brigitte e Alfred e partimos de manhã. Entre as cidades e os vilarejos da Califórnia, há

colinas cobertas de palha que às vezes explodem em chamas. Beverly vivia numa dessas montanhas marrons, o que fazia sentido: a gente pode manter uma mala ou um casaco na cidade, mas filhotes de gatos-de-bengala precisam de mais espaço. A estrada era de terra, a casa estava rodeada por móveis e máquinas abandonadas, e Beverly, que foi ao nosso encontro no gramado, estava dolorosamente dilacerada. Ela tinha me dito ao telefone que não queria ter o rosto fotografado porque acabara de sofrer um acidente com uma pá. O ferimento ainda estava descascando.

Beverly: Venham, vou levá-los lá pra casa e mostrar-lhes primeiro os gatos; depois a gente continua. Você sabe o que é isto?

Ela apontou para uma coisa na parede. Tinha olhos.

Miranda: Sei.

Beverly: O quê? O que é?

Miranda: É o focinho de alguma coisa.

Beverly: É... Muito bom! Excelente!


PLEASE
BE PATIEN
GOD
ISN'T FINISH
WITH ME YE
DON'T WALK IN
MY FOOTSTEPS
I STEPPED

Miranda: Mas de quê?

Beverly: De um cervo. E esse osso veio do Vietnã. Algum homem lá os esculpe. Não é incrível?

Miranda: É, impressionante.

Beverly: É tudo feito à mão. Entrem. Estes são peixes. Isto veio de um vulcão.

Era como um museu de história natural bem questionável; cada coisa poderia ter um milhão de anos ou ter sido feita nos anos 1970. Mas eu estava aprendendo a avaliar as pessoas depressa, e Beverly não era louca; só estava muito feliz por nos ver e com pressa de começar a festa. Havia muita coisa para ver e fazer.

Beverly: Ah, e isto é um cocô de dinossauro. E sabem o que é isto? É um dente de dinossauro — não, um dente de mamute, mas um pré-mamute. Esta é uma foto do meu segundo casamento. Meu primeiro marido morreu. Fomos casados por quarenta anos — quarenta anos e meio — e ele morreu de câncer. Foi horrível.

Miranda: Sinto muito. Há quanto tempo você está com seu atual marido?

Beverly: Oito anos.

Miranda: É como ter duas vidas.

Beverly: >É, é sim — duas vidas completamente diferentes. Esse é o nosso amor.

Com "amor" ela quis dizer os gatos; tínhamos acabado de entrar em uma cozinha toda cercada por grades e formigando de gatinhos.

Beverly: Estas são as meninas, não deixo elas subirem na mesa, e elas

sabem disso muito bem. Esta aqui é uma verdadeira paixão. Esta é a Bonnie Blue, e está no cio, por isso toda essa gritaria. São diferentes, não são?

Concordei com a cabeça, mas a princípio os bichos não me pareceram muito diferentes nem semelhantes a tigres. Tigres não eram encorpados e mortais? Aqueles ali pareciam mais gatinhos. Então, de repente, um deles saltou no ar, na altura do meu rosto. Outros dois começaram a lutar, jogando um ao outro de encontro à parede com estrondos violentos. Eram pequenos, porém não pareciam mais gatinhos engraçadinhos; havia um homem forte dentro de cada um deles. Tentei apreciar raças e cruzamentos, mas meu conhecimento era precário e eu tinha que complementá-lo com o que sabia sobre o Homem-Aranha e Frankenstein. E o Incrível Hulk.

Beverly: Comecei isto há vinte anos, em 1988. Vinte e um, acho. Esses gatos são crias de uma cruza com um pelo curto britânico, porque o de Bengala mesmo pesa apenas de três quilos e meio a quatro quilos e meio... um pequeno. Então, eles foram cruzados com o pelo curto britânico para ficarem um pouco mais robustos, um pouco mais pesados.



Beverly nos levou para fora, para nos mostrar os gatos maiores em suas jaulas, que compartilhavam uma parede com um viveiro cheio de pássaros estridentes.

Miranda: Não enlouquece os gatos ter todos esses pássaros como vizinhos?

Beverly: Ah, eles adoram! É o seu parque de diversões.

Eu estava satisfeita em admirar o viveiro de fora, mas Beverly me disse para correr logo lá pra dentro antes que um voasse para fora. Dezenas de pássaros se juntaram ao redor de nossas cabeças. Os gritos e chilreios eram ensurdecedores. Pensei na fobia de pássaros do meu pai e no quanto ele acharia aquilo desagradável. Então, inspirei e expirei devagar e fiz de conta que eu era uma adolescente rebelde tentando ser diferente dos meus pais, e com isso consegui ficar no viveiro e continuar a entrevista.

Miranda: Que tipo de pássaro é aquele?

Beverly: Não é lindo? E são raros. É uma pomba-de--asa-verde. Há também um pássaro que aqui chamamos de Bobo. Ele é preto e branco com o bico vermelho — veja se você acha um. De manhã, ele canta como um canário; vem da África. E o tentilhão é absurdamente bonitinho.

Miranda: É. O som é bem alto aqui...





Beverly: Depois de um tempo a gente se acostuma. Veja as cores. Nosso criador tem mesmo uma imaginação inacreditável.

O som, o cheiro e as asas batendo em volta do meu rosto fizeram eu me sentir um pouco histérica, como se fosse chorar. E também não conseguia parar de sorrir. Eu deveria ir para o México, pensei. Não que Beverly fosse mexicana, é que eu sempre quis ir lá. Ela tirou um passarinho do ninho e segurou-o na palma da mão. Parecia um embrião.

Beverly: Está vendo como a língua vai de um lado para o outro? Eles têm bolinhas na boca, é isso que atrai a mãe para alimentá-los. Este aqui acabou de nascer.

Miranda: Talvez ele devesse voltar para o ninho.

Beverly: Deixe eu dar alguns ovos para vocês. Vocês podem levar estes.

Miranda: É mesmo? Será que eles vão vingar?

Beverly: Só se você ficar sentada em cima deles trinta dias! E agora temos uma surpresa — venham!

Ela nos fez sair depressa do viveiro e entrar num campo, onde rapidamente fomos cercados por corpulentos carneiros. Não estou acostumada com carneiros, por isso levei algum tempo até perceber que aqueles tinham muitos, muitos chifres, chifres saindo de chifres, todos encaracolados.





Beverly: Esta é a raça mais antiga que o homem conhece. Eles são de Israel e estão na Bíblia. Estão no Gênesis 28 a 30 — são de Jacó. São muito, muito especiais. Têm de dois a seis chifres.

Miranda: É, eles têm um monte de chifres.

Três cachorros vieram correndo até a cerca.

Beverly: O nome dela é Raspberry, o preto é o Squooshy e o maior é o Puppy-Puppy... Se você lhes der de comer na mão, eles são maravilhosos, mas ficam selvagens se não der.

Miranda: Esses foram criados com comida na mão?

Beverly riu, então eu ri.

Sugeri irmos para dentro, para que eu pudesse entrevistá-la longe do som dos pássaros. Fomos para a cozinha e enquanto conversávamos ela preparou o almoço dos gatinhos.

Miranda: Conte-me um pouco da sua história.

Beverly: Eu comecei com uma fêmea.

Miranda: Tá. Mas você é de...?

Beverly: Sou de Huntington Beach.

Miranda: Há quanto tempo você mora aqui?

Beverly: Deixe eu ver... trinta e sete anos? Desde 1972.

Miranda: Como você ganha a vida?

Beverly: >Os gatos. As aves não estão dando certo agora — simplesmente não estão.

Miranda: Você fica atenta à economia? Ela afeta sua vida?

Beverly: Ah, afeta, sim. As pessoas não estão comprando como antes.

Miranda: Você tem computador?

Beverly: Tenho, mas não uso.

Miranda: >Então não há venda on-line, nada disso...

Beverly: Aham. E isso também atrapalha, porque agora todo mundo compra pelo computador. Eu estou jogando contra mim mesma, mas não tenho tempo nem energia. Simplesmente não tenho. Não me interesso por computadores.

Miranda: Você tem muitas coisas com que se ocupar. Você sente que tem uma comunidade por aqui ou está muito isolada? Como isso funciona nesta região?

Beverly: Em relação a pessoas? É, estou isolada.

Miranda: Qual foi a parte mais estranha da sua vida até agora?

Beverly: Perder meu marido foi a pior.

Miranda: Você diria que ele era o amor da sua vida?

Beverly: Ah, era sim.

Miranda: Quantos anos você tinha quando o conheceu?

Beverly: Dezesseis.

Miranda: E como o conheceu?

Beverly: Na igreja. Um homem muito bonito. Olhos azuis, um metro e noventa, quase dois, um belo físico.

Miranda: Você tem fotos dele?

Beverly: Tenho, mas fico com vergonha. Meu marido, Fernando... eu me sentiria mal por ele.

Miranda: Entendo.

Eu me senti meio envergonhada por ter perguntado. Mas teria sido mais romântico se ela tivesse puxado da blusa uma foto do marido de olhos azuis, aquele que eu acabava de sugerir ter sido o amor da vida dela. Duas vidas, uma após a outra, mas a segunda nunca pode ser

comparada...

Beverly: Eu preparei uma surpresa para vocês. O nome dele é Sebastian e só vai estar aqui às quatro e meia.





Miranda: Ah, bem, você sabe que... nós temos outra entrevista às quatro e meia.

Beverly: Ah, não.

Miranda: Desculpe, eu não imaginei que...

Beverly: Eu realmente sinto muito que você não possa ver o Sebastian. Ele pesa quase dezesseis quilos. É o dobro dos que temos aqui. E ela o traz pela coleira como um cachorro, é a coisa mais impressionante que vocês iriam ver na vida. E o incrível é que ela bate nele como se fosse num tambor... com força. Ela vai lá e bate, e ele aguenta tudo... não sei como, mas aguenta. Vejam o que eu fiz para vocês, meninos.

Beverly tirou da geladeira uma tigela gigante de salada de frutas. Era do tipo com marshmallows; eles tinham derretido no suco, deixando-o leitoso. Comecei a fazer um educado som de recusa, mas ao ver o rosto dela desmontar percebi que recusar seria o oposto de ser educada. Apertei meu iPhone no bolso. Seria estranho dar uma olhada nos e-mails agora? Ou quem sabe ler as notícias? Eu estava morrendo de vontade de fazer uma pausa. Uma opção seria ir ao banheiro.

Miranda: Uau, tem um monte de pedaços aí. Você poderia me mostrar onde fica...

Beverly: É... me tomou a manhã toda. Posso encher uma caneca para vocês levarem.

Ela tinha comprado uma quantidade enorme de frutas e passado a manhã inteira picando tudo. Havia incumbido o marido de arrebanhar os carneiros bíblicos para nós assim que saíssemos do aviário, tinha convidado Sebastian, o gato-de-bengala de quase dezesseis quilos. O mínimo que eu podia fazer era comer a salada.

Miranda: O.k., nos dê uma caneca, seria ótimo.

Beverly: Também posso preparar um pote. Ou várias canecas... o que vocês preferem?

Miranda: Um pote está bom. Só um pote e nós...

Beverly: Ah, não! Cada um de vocês vai levar um! Querem bolachas junto? Nós gostamos das nossas com bolachas, esmigalhadas por cima, mas vocês é que sabem.

Levamos os potes pingando para o carro e fomos até o posto de gasolina. Obriguei cada um de nós a comer um pedaço de abacaxi antes de jogar tudo no lixo. O gosto era bom. Pus alguns jornais em cima dos potes, porque e se Beverly fosse buscar gasolina, jogasse alguma coisa no lixo e os visse? Nada seria pior. Tínhamos ido ao lugar de onde vêm todas as coisas vivas, tinha um cheiro fétido e exageradamente doce, era cheio de carnes cruas e chifres enroscados, o rosto dela estava dilacerado, tudo ali estava reproduzindo e cruzando, recém-nascidos ou bíblicos. Eu não aguentava aquilo. A plenitude da vida dela era ameaçadora para mim... não havia espaço para a invenção, não havia lugar para o tipo de criação ficcional que faz com que eu me sinta útil ou sinta seja lá o que for. Ela só queria que eu estivesse lá e comesse frutas com ela.

Fui para casa e no mesmo instante caí no sono, como que fugindo da minha consciência. Acordei três horas depois e, em vez de ir para a internet, tentei fingir que era Beverly, que estava tão envolvida com coisas vivas que não tinha "tempo ou energia" para o computador. O *PennySaver* não era mais tão fascinante como antes, no entanto me sentei com a última edição e uma caneta para circular novas ofertas. O anúncio de Andrew ainda estava lá, os girinos provavelmente se transformariam durante a semana. Parecia que Michael tinha vendido a jaqueta de couro, ele estava dez dólares mais perto da condição feminina. Tudo se transformava, menos eu. Eu continuava sentada na minha pequena caverna, tentando extrair alguma coisa do nada. Eu

não podia simplesmente inventar uma ficção... as respostas às minhas perguntas sobre Jason precisavam ser reais, forjadas da vida, como todas as outras partes da história.

Cada personagem do filme tinha sido forçado a criar vida, depressa ou devagar, em geral devagar, e depois todos de uma vez só. Um ano antes, eu vivia uma semana infrutífera quando disse a mim mesma "Tá legal, perdedora, se você é realmente incapaz de escrever, então vamos ouvir. Vamos ouvir como soa uma incapaz". Emiti sons abatidos e desumanos e depois tentei digitá-los, com mãos embrutecidas e desajeitadas. Escrevi a patética lenda da Incapaz. Era longa e irrelevante para a minha história de Sophie e Jason. Quem falaria daquele jeito? Não um homem ou uma mulher, não alguém adequado para um filme.

Desliguei o computador, grata pelo som do carro do meu marido lá fora. Acenei da varanda enquanto ele estacionava, e então, com horror crescente, vi nosso cachorro pular do carro e perseguir um gato pela rua enquanto um carro se aproximava em alta velocidade. O carro desviou para não bater no cachorro e atingiu o gato. Aconteceu tão depressa... num minuto eu estava escrevendo sobre Incapaz e no minuto seguinte estava pondo um gato morto em um saco. Era um gato velho, sujo e perdido que eu já tinha visto por ali. Senti que éramos todos cúmplices — eu, meu marido, o motorista. Todos tínhamos sido negligentes, se não hoje em outro dia, e toda aquela negligência havia culminado na morte de um estranho.

Depois de enterrado o gato, voltei afinal ao trabalho e reli o monólogo interrompido. Senti mais ternura pela voz desumana; ela não era realmente incapaz, só muito sozinha, cansada e não desejada — perdida. Chamei o gato de Paw-Paw e jurei vingar sua morte. Ele agora era parte do roteiro. Levei muito tempo para descobrir o lugar do gato na história. Vezes seguidas me foi respeitosamente sugerido cortar o monólogo de Paw-Paw. Mas eu não poderia matá-lo duas

vezes e achava que sua voz poderia ser a alma angustiada, ridícula e problemática do que eu tentava fazer. Não que minha convicção me protegesse, é sempre constrangedor espetar um rabo no ar, nem um pouco perto do burro. Poderia estar errado, com certeza parece estar, mas, outra vez, talvez o burro esteja no lugar errado, ou então há dois burros e o rabo simplesmente chegou lá primeiro.

PAM

—

ÁLBUNS DE FOTOGRAFIAS
US$ 10 CADA UM

—

LAKEWOOD

—

Pam não acreditava que estivéssemos vendo sua casa num momento em que ela estava tão bagunçada. Garantimos que tudo parecia muito limpo — o que era verdade, limpo e caoticamente cheio de arte. *O Menino Azul*, de Gainsborough, *A Caça ao Unicórnio* e diversas outras imagens familiares haviam sido meticulosamente recriadas por Pam em bordados ao longo dos anos. Nós nos acomodamos em torno de uma grande pilha de álbuns e botei um deles no colo.

Miranda: De onde veio isto?

Pam: Um amigo meu tem um amigo que está vendendo muita coisa. Fiquei olhando para o primeiro e para o segundo álbum e disse: "Ah, meu Deus, isto é interessante. Queria passar férias como esta senhora aqui".

Enquanto ela falava, folheei o álbum, e depois outro. Todos estavam repletos de fotos do mesmo casal branco e rico, desde seu casamento nos anos 1950 até o último cruzeiro deles.

Pam: Essas pessoas andam pelo mundo inteiro. Grécia, Itália,

Japão, e é uma maravilha em todo lugar. Isso é mesmo muito bom, e espero um dia poder ir, mas agora estou sem dinheiro. Minha vida, eu me casei muito jovem e não tenho tempo para férias. E digo: Bem, posso ficar olhando estas fotos; é melhor do que nenhum tipo de férias.

Miranda: Então você não conhece essas pessoas?

Pam: Não, não conheço as pessoas, mas não quero que os álbuns sejam jogados fora. Na verdade, estou com eles aqui em casa há quase dez anos.

Olhei para Pam e me perguntei se ela não seria meio uma acumuladora. Ela usava uma blusa rosa sem mangas, não muito diferente da de Michael, e sua decoração barroca a fazia parecer mais velha do que era. Achei que devia ter quarenta e oito anos. Exaustos quarenta e oito anos.

Miranda: Como você imagina que era a vida deles?

Pam: Acho que tinham uma vida muito, muito boa. Na verdade, uma vida agradável e feliz, se você vive assim tanto tempo.







Miranda: É, eles parecem bem velhos em algumas fotos.

Pam: É, é tudo muito, muito velho, e é bom não só que eles estejam aí, mas é bom vê-los felizes um com o outro. Olhe para ele, ele vive sorrindo, e é bom. Eu sempre me sinto muito bem vendo alguém feliz de verdade.

Miranda: Você acha que eles morreram muito velhos?

Pam: É, acho que essa senhora tem uns noventa e cinco e o sujeito uns noventa, é.

Miranda: Fico surpresa que os filhos deles não tenham guardado isto. Você não acha...

Pam: Eles não têm filhos, é. Não têm filhos.

Miranda: E vocês, quando vieram da Grécia? Quantos anos vocês tinham?

Pam: Eu tinha dezessete. Casei e vim pra cá, depois tive três filhos.

Miranda: Logo depois?

Pam: É, depois de um ano.

Miranda: Então você tinha dezoito. E o que vocês faziam?

Pam: Nós trabalhamos em restaurantes, fazendo comida.

Miranda: Então vocês tiveram um restaurante?

Pam: É. Vinte anos um e treze anos outro.

Miranda: Uau... então vinte e três anos.

Pam: É, trinta e três anos.

Miranda: Claro, trinta e três. O que você fazia no restaurante? Qual era o seu trabalho?

Pam: Meu trabalho era de garçonete, na arrumação, no caixa... falar com as pessoas, sabe.

Miranda: Você tem computador?

Pam: Não. Não entendo de computador. Queria entender, mas não entendo.

Pam abriu outro álbum, e, enquanto olhávamos as fotos de desconhecidos brancos e ricos num navio, tive a incômoda sensação de que eu era o reverso de Pam. Ela tinha inventado todo tipo de felicidade para aquelas pessoas que me pareciam chatas, ao passo que sua história de imigrante havia me impressionado como inerentemente comovente e profunda. E era provável que nenhuma de nós estivesse de todo enganada; só estávamos, mais do que tudo, cansadas de nossos próprios problemas.

Miranda: Você já tinha posto algum anúncio no *PennySaver*?

Pam: Não.

Miranda: E por que acha que decidiu fazer isso agora?

Pam: Porque, você sabe, eu preciso de espaço.





Miranda: E alguém telefonou para comprar os álbuns?

Pam: É, um monte de gente, mas...

Miranda: Mas eles não compram.

Pam: É. Mas não posso jogá-los fora. No restaurante, eu tinha uma cliente de uns noventa e cinco anos. Ela se chamava Meg. Era tão doce... Chegava todos os dias às onze em ponto e comia. E essa senhora, ela estava fazendo um tipo de trabalho, como o seu trabalho, ela ia até as pessoas, tirava fotos e conversava. Depois que fez sessenta e cinco anos, sabe o que ela fazia? Tirava fotos de si mesma todos os dias. la para casa e as colocava no álbum de recortes. Era tão cuidadosa... três quartos cheios, cheios de álbuns. E um dia ela morreu. O genro pegou todos os álbuns e jogou tudo no lixo. É muito triste. Foi por isso que eu peguei estes álbuns, para que não acabem numa lixeira, sabe? Isso é triste para mim.

Com sessenta e cinco anos, uma idade tão avançada, com quase mais nada de feminino, uma mulher decidira se fotografar todos os dias. No mesmo instante isso se tornou uma das minhas obras de arte favoritas, ainda mais porque ela não era Sophie Calle nem Tracey Emin. Ela sabia que ninguém iria reivindicar os três quartos cheios de álbuns; o valor deles era absolutamente autodeclarado. E, embora seja óbvio que eu gostaria de ter salvado de algum modo os álbuns, a performance terminaria com a morte dela e com a coleção sendo jogada no lixo. É um final que realmente faz pensar.

Comprei alguns álbuns de Pam e, ao chegar em casa, me obriguei a olhar as fotos do casal posando em eventos de ex-alunos e diante de atrações turísticas. A moral da história dessas pessoas era clara para mim: se você passar a vida num eterno cruzeiro ao redor do mundo, sem jamais parar para plantar filhos em terra firme, quando você morrer uma mulher grega que você nem conhece se tornará a administradora do seu legado. E, quando ela precisar de mais espaço

em casa, venderá seu legado no *PennySaver*. E ninguém quer isso.

Fiquei esperando pelo título perfeito para o filme, mas depois resolvi eu mesma escolher. Tinha que ser curto, uma palavra curta e muito familiar. Procurei os substantivos mais usados. O primeiro substantivo mais comum era *tempo*. O que me fez sentir menos sozinha, todo mundo estava pensando na mesma coisa. O segundo era *pessoa*. O terceiro, *ano*. O 320º era *futuro*. *O futuro*.

Eu não tinha planejado escrever um roteiro sobre o tempo, mas, quanto mais eu demorava para escrevê-lo e vê-lo pronto, mais o tempo se tornava um protagonista na minha vida. No início, meu namorado e eu pensávamos em nos casar assim que nossos filmes estivessem prontos, mas depois de quase seis meses tentando conseguir financiamento achamos melhor desistir desse plano e marcar uma data, acontecesse o que acontecesse. Nada aconteceu, nós nos casamos. Então, bem na época em que passei a me encontrar com os vendedores do *PennySaver*, comecei a me dar conta de que eu não só já tinha idade suficiente para ter um bebê como eu praticamente já tinha idade suficiente para ser considerada velha demais para ter um bebê. Faltavam cinco anos. O que não é muito, se um filme independente leva pelo menos um ano para se financiar, um ano para ficar pronto, e vamos reservar mais um ou dois anos para desastres imprevistos. (E, mesmo que quisesse, eu não poderia fazer o filme durante a gravidez, porque eu estava nele.)

Então, todo o meu tempo foi gasto calculando o tempo. Enquanto ouvia pessoas estranhas e tentava pacientemente ter fé no desconhecido, eu também me perguntava quanto tempo aquilo ia levar, e se alguma coisa realmente tinha mais importância do que ter um bebê. O senso comum dizia que não. Nada era mais importante do que ter um bebê.

Agora que eu havia prometido ficar com aquele homem até morrer, eu também pensava muito na morte. Parecia que eu não tinha me casado só com ele, mas me casado também com a minha morte. Antes

dos votos, eu poderia ter vivido sozinha para sempre; agora eu definitivamente não estava sozinha e definitivamente iria morrer. Eu tinha concordado em morrer na frente de toda a minha família e amigos. Brigitte havia tirado uma foto desse momento: eu sorrindo e, o que era compreensível, chorando. A única coisa entre mim e a morte era aquela criança. Se eu adiasse a criança, então meio que também poderia adiar a morte. Portanto, eu tinha pressa de atravessar o vazio para poder fazer o filme e assim poder ter um filho antes que fosse tarde demais — mas, lá no fundo, eu não tinha pressa.

Eu também tinha encurtado a minha vida de outra maneira, ao me casar com um homem oito anos mais velho do que eu, o que significava que ele morreria exatamente oito anos antes de mim, tornando inúteis os últimos oito anos da minha vida. Eu os passaria apenas chorando.

RON

—

ESTOJO DE PINTURA COM 67 PEÇAS

US$ 65

—

WOODLAND HILLS

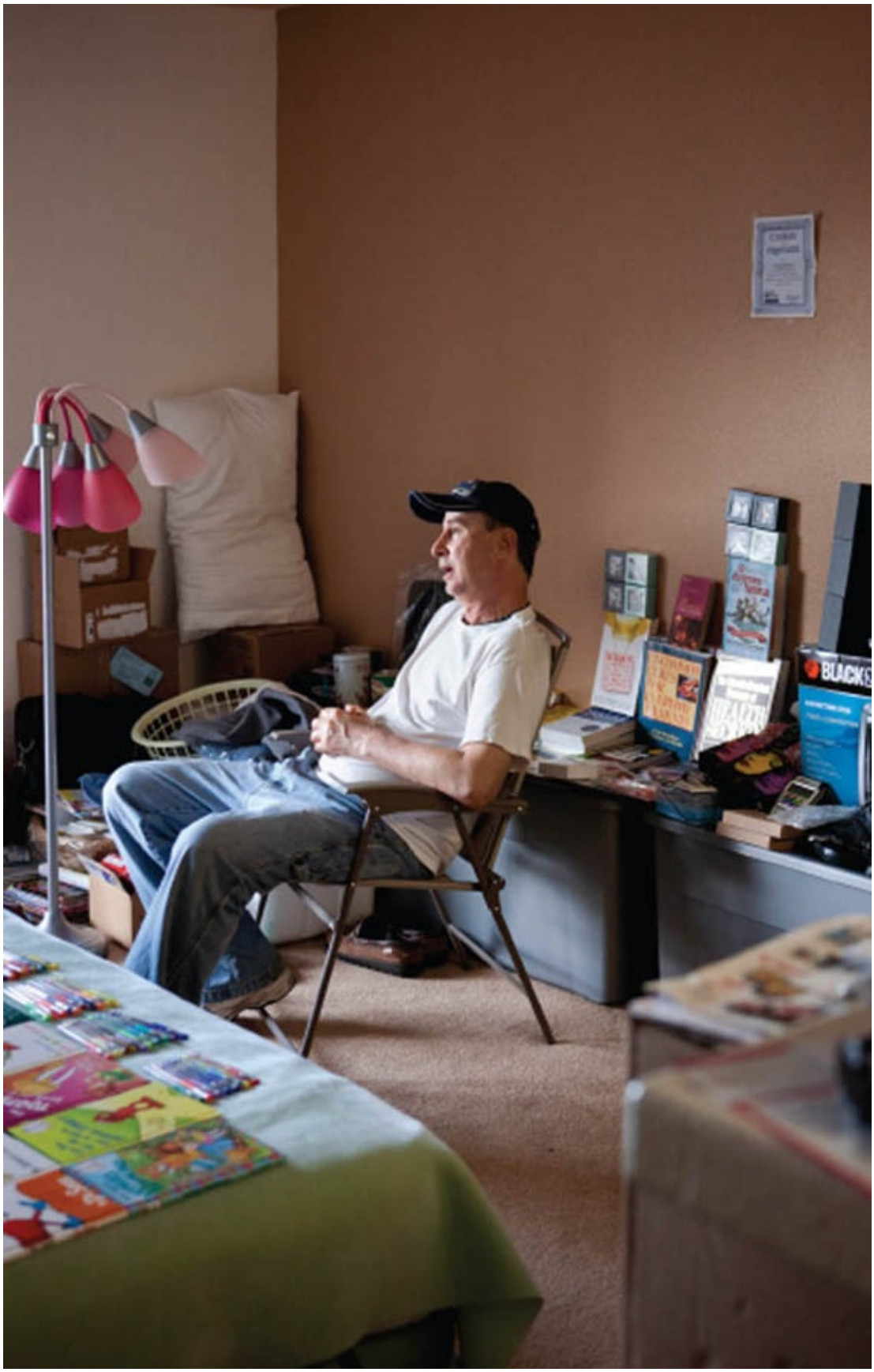
—

Mais ou menos nessa época, me sugeriram gentilmente que o que eu precisava mesmo não era de mais uma versão do roteiro de *O futuro*, e sim de um grande astro como protagonista para tranquilizar potenciais investidores. Isso era perturbador, porque eu já tinha imaginado algumas pessoas para fazer Jason e Marshall, o homem com quem minha personagem tinha um caso. Eram atores incríveis que tiveram pequenos papéis em grandes filmes e grandes papéis em filmes que ninguém tinha visto. Tentei argumentar que eu também não tinha escolhido grandes astros no meu primeiro filme, e que havia funcionado muito bem. Mas isso não importava, porque tinha sido em 2005. Você não conseguiria fazer o seu primeiro filme agora, disseram-me, ameaçadores. O que me fez sentir como se a recessão pudesse voltar no tempo e destruir *Eu, você e todos nós*, desfinanciá-lo, desfilmá-lo, deseditá-lo.

Tentei pensar em grandes astros de meia-idade do cinema e da tv para interpretar Marshall. A ideia de um "retorno" me deixou mais à vontade, então tentei me lembrar dos protagonistas da minha época de criança, e pesquisei onde eles estavam agora. De modo geral, foi uma pesquisa heterogênea. Aqueles homens tinham inchado, muitos haviam abusado de suas mulheres ou das drogas, muitos tinham fotos

de frente e de perfil na polícia e muito poucos pareciam capazes de me "pegar". O que era atraente, porque o papel pedia isso — alguém improvável, quase impensável. Nesse meio-tempo, continuei telefonando para vendedores do *PennySaver*. Na verdade, fiquei mais determinada quanto às minhas entrevistas, mais rebeldemente decidida a continuar, agora que tinha reuniões "reais" com os atores.

Ron tentou me convencer a entrevistá-lo por telefone, disse ter razões para não querer que eu fosse à sua casa. Mas, então, de repente mudou de ideia e me deu seu endereço. Ao bater à porta, me preparei para alguém sem rosto, ou sem cabeça, ou com cabeça mas sem corpo, uma cabeça sobre rodas. Mas Ron tinha um corpo com uma cabeça e até mesmo um chapéu de beisebol. Era a pessoa mais comum que eu já tinha visto. Preparando-se para o nosso encontro, ele havia espalhado objetos em cima da cama e no chão, livros e dvds novíssimos e um estojo de pintura com sessenta e sete peças. Eram acima de tudo para crianças — ali estava *Mrs. Doubtfire*, bem como *Hop on Pop* — e todos pareciam vagamente ter chegado ali de um jeito ilícito. O apartamento era pequeno, e Ron deu voltas por ali arrumando cadeiras para nós.




Let Me In the Zoo
MOO!
Dr. Seuss
One Fish
two Fish
red Fish
blue Fish
Dr. Seuss's ABC
The TOOTH Book
Summer
HOP on POP
Dr. Seuss
Oh, Say Can You Say?

Ron: Tive um pouco de dificuldade de tirar algumas coisas do armário para mostrar para você.

Miranda: Sei, obrigada.

Ron: Não muita dificuldade. Só um pouco.

Miranda: Bem, agradeço muito por dedicar um pouco do seu tempo a isso. Em que você me disse que trabalha?

Ron: Sou empresário.

Miranda: Sei. Você pode falar mais sobre isso?

Ron: Dirijo uma sociedade financeira de investimentos. Uso a margem... uso o dinheiro dos bancos, então pego o dinheiro da sala de corretagem a apenas oito ou nove por cento por dia de utilização. Se a gente faz o empréstimo por um dia e vende o estoque no mesmo dia — isto é o que as pessoas não sabem —, se a gente tem dez mil dólares, pode pegar um empréstimo de dez mil dólares da empresa de corretagem, e então são vinte mil dólares. Você pode usar esses vinte mil dólares naquele dia e vendê-los no mesmo dia, e sobre os dez mil dólares que pegou emprestado da corretora você não paga juros.

Miranda: Sei.

Não sou exatamente brilhante com números, então foi como se ele tivesse acabado de jogar alguns confetes para cima e os chamado de palavras. Tentei prestar mais atenção — talvez eu fosse realmente aprender alguma coisa ali. Talvez depois ele pudesse me explicar os impostos.

Ron: Se ficarmos com ele durante a noite, a gente deve a eles o dinheiro de um dia, nove por cento de juros por um único dia dividido por trezentos e sessenta e cinco. São quase centavos.

Miranda: Claro.

Ron: Vai subindo, se for por semanas e meses.

Miranda: Claro, entendo.

Ron: Você entende o que estou dizendo?

Miranda: Sim.

Ron: Eu sou uma pessoa de números. Sempre fui bom com números. Sempre amei os números. Muito rápido com números. No ensino fundamental, fui um aluno nota dez até por volta do quinto ano, quando começaram as frações. Aí tive um pouco de dificuldade.

Miranda: Claro.

Ron: E por causa disso tive o que vocês chamam de milhares de horas de experiência em vinte e um quando comecei em Atlantic City. Infelizmente, tive sorte de principiante. Eu não era bom, mas tive sorte de principiante. Por isso ganhei. E aí, depois de algum tempo, perdi. Ganhei e perdi, ganhei e perdi e acabei perdendo e perdendo mais do que ganhei.

A conversa sobre vinte e um foi longa e detalhada. Ele tentou explicar o que era a contagem de cartas, por que ela era ilegal e como o que ele fazia era legal, embora, tecnicamente, fosse contagem de cartas. Fazer uma pergunta era como mergulhar numa estrada — eu tinha que acelerar para entrar numa de suas pausas.

Miranda: Quais são seus planos para o futuro?

Ron: Bem, eu tive um período de vários anos na minha vida que foram uma tortura e um tormento. Eu não tinha a opção de me casar.

Miranda: Sei.

Ron: Você consegue entender do que se trata?

Miranda: Não.

Ron: Vai acabar em alguns meses.

Miranda: Sei.

Ron: E foi coisa de negócios.

Miranda: Sei.

Ron: Coisa de negócios tipo Martha Stewart...

Ele levantou um pouco a perna da calça para revelar uma tornozeleira de prisão domiciliar.


N

Miranda: Ah, sim. Sei. Claro.

Ron: Está quase acabando.

Miranda: Vai ser bom não ter mais isso.

Falei de um jeito afetuoso, quase maternal. O importante era continuar me comportando exatamente como antes de saber que ele estava sob prisão domiciliar. Um monte de gente poderia ter se encolhido, mas eu torcia para que ele tivesse percebido que eu não. Ele se inclinou para mim como se o que tivesse para me dizer fosse ultrassecreto.

Ron: Vou lhe dizer uma coisa que é uma realidade. Uma tornozeleira pode significar uma destas três coisas. Se você pertence a uma gangue, ganha uma, ou se você é uma ameaça para a comunidade, porque tem mais de uma "vítima", como são chamadas, que poderia estar ligada a negócios ou...

Miranda: Claro.

Ron: ... a um crime sexual, ou ser um traficante de drogas. Não coisa pequena, mas o que eles consideram um traficante-traficante mesmo.

Miranda: Claro.

Ron: Se você for um desses quatro, vai ganhar uma dessas. As pessoas acham que se você tem uma é porque é um criminoso sexual. Porque criminosos sexuais têm que usar uma.

Miranda: Claro. Claro.

Ron: Mas o caso é que membros de gangues também. E também, como eu disse, os traficantes de drogas. E também alguém que o conselho de liberdade condicional acha que poderia ser uma ameaça para a comunidade. Fui para a prisão.

Miranda: É verdade. Sei. Bem, qual foi a pior coisa da prisão?

Ron: As pessoas. Os detentos. Muito difícil conviver com tantas pessoas tão escandalosas, que vão tentar tirar vantagem de alguém que é considerado fraco.

Miranda: É. Sei.

Ron: E, para ser completamente sincero com você, eu sem dúvida era considerado fraco. Eu era mais velho. Era manso. Calmo.

Miranda: Sei.

Ron: Pus um pouco de descaramento no meu jeito de andar, exatamente como quando me sinto excluído. Andei com altivez, portanto, se aparecessem gangues ou coisa parecida, eles meio que iam notar minha atitude de desafio, tipo "Não se meta comigo".

Miranda: Claro.

Ron: Eu não ando devagar. Não ando como um velho. Tenho um jeito de andar, um passo rápido. E sempre percebo quem está ao meu redor, sempre fiz isso.

Ron era exatamente o tipo de homem que você passa a vida inteira evitando, tomando cuidado para não acabar no apartamento dele. E, como fui educada para fazer o que fosse preciso para que tais homens se sentissem compreendidos, tomei um cuidado superespecial com a entrevista dele. Mas, enquanto ele falava sem parar (a transcrição original teve mais de cinquenta páginas), percebi que na verdade não quero compreender esse tipo de homem — só quero que eles se sintam compreendidos porque tenho medo do que vai acontecer se eu for considerada mais uma pessoa que não acredita neles. Quero ser a única que eles poupem no dia do acerto final de contas.

Brigitte tinha parado de tirar fotos e estava encostada perto da porta, de olhos arregalados. Alfred estava muito quieto e silencioso em algum lugar atrás de mim.

Miranda: O que você gosta de fazer?

Ron: Adoro cantar.

Miranda: O que você gosta de cantar?

Ron: Gosto... por exemplo, tem uma música chamada "A Teenager in Love".

Miranda: The Everly Brothers?

Ron: Dion e os Belmonts, ou talvez apenas Dion. Às vezes eu realmente sinto que quero gritar aquilo tudo e só liberar a tensão.

Miranda: Sei... o pessoal que canta, é como se eles pudessem expressar a emoção de um jeito que os outros não podem.

Ron: Bom, vou te contar... resumindo o que os outros sempre me disseram. Disseram que eu sempre fui bom com crianças. Eu trabalhei em Reseda como um monitor de ordem judicial... Quando o marido tinha uma ordem judicial para a esposa, e alguém precisava se ocupar das crianças, ou a mulher tinha uma ordem, era de mim que precisavam. Isso mostra bem o tipo perigoso de gente que eu sou, certo?

Miranda: É. É.

Ron: O tribunal verificou todo o meu passado. Fiz isso nos anos 1980, meio expediente. E na verdade tive problemas, porque um monte de crianças estava pedindo por mim e a agência me disse: "Ei, Ron. Tem gente demais pedindo você".

Miranda: É.

Ron: Eu sou bom com as crianças. Sei como descer até o nível delas e me divertir com elas. Não do tipo Michael Jackson, mas...

Miranda: Não, eu entendo. Qual foi a época mais feliz da sua vida até

hoje?

Ron: Uma época feliz foi quando eu tive um relacionamento de três anos com uma garota mais nova, quando eu tinha vinte e seis anos, uma garota que eu amei muito, muito mesmo. Mas ela era muito jovem para casar. E eu disse a ela: "Daqui a alguns anos, quando você tiver dezoito, se ainda sentir a mesma coisa, me diga". Mas eu sabia que ela iria abrir as asas e descobrir o que era a vida. Eu era esperto o bastante para saber disso.

Miranda: Então essa foi uma época feliz?

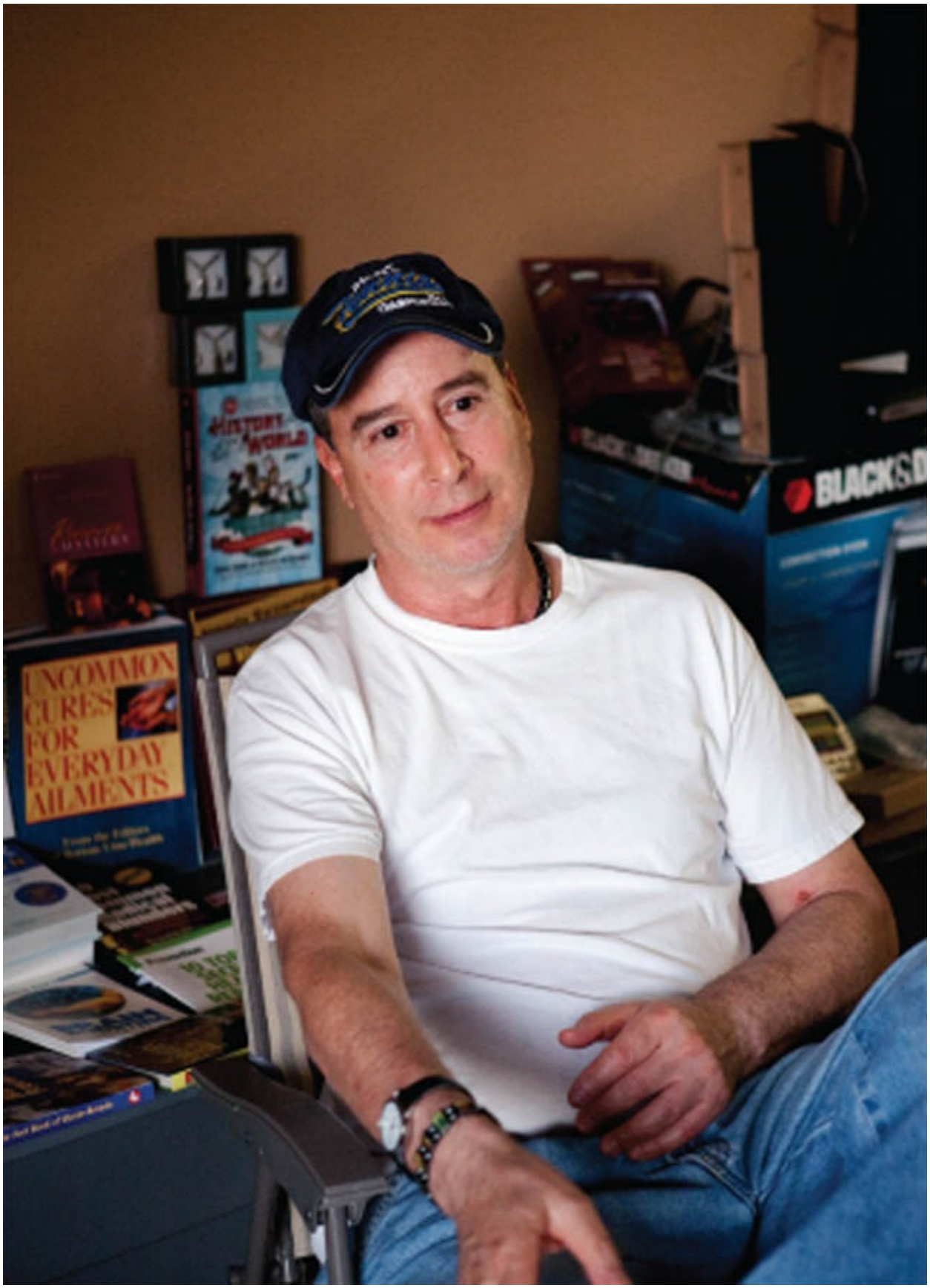
Ron: Foi uma época muito feliz mesmo. Outra época boa foi estar aqui com uma mulher muito mais velha do que eu. Até que ela precisou ir para um asilo. Na verdade, eu tive que chamar os dois filhos dela que tinham mais ou menos a minha idade, para que eles soubessem que ela poderia se machucar.

Miranda: Deve ter sido difícil.

Ron: Quero dizer, o que a gente tinha era assim tipo uma coisa séria, muito séria. E ela era muito, muito, muito mais velha do que eu.

Miranda: Que idade ela tinha?

Ron: Só vou dizer que passava dos setenta. Mas ela era magra. Era limpa. Falava macio. Era afetuosa. Foi o amor da minha vida.


UNCOMMON
CURES
FOR
EVERYDAY
AILMENTS

Depois de muito tempo, comecei a entender que ele nunca nos deixaria ir embora. Precisávamos ir. Contei até três em silêncio e me levantei. Alisei a roupa, como se costuma fazer, e fiz sons e gestos de agradecimento. Quando nos despedíamos e andávamos em direção à porta, Ron me parou.

Ron: Miranda, pergunta rápida.

Miranda: Sim.

Ron: Você tem família?

Miranda: Aham.

Ron: Filhos?

Miranda: Sem filhos. Acabei de me casar.

Ron: Ah, acabou de se casar...

Miranda: É.

Ron: Eu ia dizer, alguém tão adorável como você não pode ser solteira. Eu realmente me abri com você sobre quem eu sou e o que eu sou. E parte da empresa que eu tenho, eu faço pesquisa de marketing. Faço um monte de coisas em que... bem, é mais fácil mostrar do que dizer.

Miranda: Nós temos que ir, porque estamos...

Ron: O.k., bem, eu só ia pegar uma coisa bem aqui pra te mostrar.

Miranda: Tudo bem, tudo bem.

Ron: Isto aqui são cartões da Starbucks. Há vinte cartões desses aqui. Está vendo?

Ele os abriu em leque como notas de milhões de dólares, como se nossas mentes fossem delirar com aqueles vinte cartões da Starbucks.

Miranda: Uau!

Ron: Também tenho cartões da Exxon Mobil. Tenho mais de vinte aqui. Lá em cima tenho carteiras cheias de cartões de presente da Wal-Mart, o.k.?

Miranda: Uau!

Ele me mostrava seu dote. Seu pé-de-meia.

Ron: Eles não estão aqui porque os roubei. Me custaram muito tempo. Me custaram muita paciência, muita disciplina, muita busca. Mas com isso, com isso vem o benefício de, bem...

Miranda: Bom, obrigada. Eu gostaria que...

Ron: Obrigado a você.

Miranda: ... não tivéssemos outra entrevista depois desta.

Ron: Sei. Tudo bem.

Miranda: Podemos parar por aqui.

Ron: Tudo bem. Eu tomei muito o seu tempo.

Miranda: É, bem, foi realmente ótimo.

Ron: Foi um prazer.



Fomos para o elevador quase correndo, e Alfred apertou o botão de descer várias vezes até que as portas dele se abrissem. Claro que Ron me lembrou um pouco de Franko, meu correspondente da prisão — ou pelo menos eu me lembrei do quanto tinha concedido a Franko o benefício da dúvida. Eu me concentrei no que havia de encantador e terno nele e nunca pensei muito sobre a pessoa que ele matou. Quem era eu para julgar? Eu era tão jovem naquela época que não poderia imaginar que assassinatos não fossem fazer parte do meu futuro também. Parecia tão improvável... mas tudo parecia.

Vinte anos depois, eu estava mais cautelosa. Ron passava a sensação de um ponto frio no universo, um lugar que simplesmente jamais se tornaria quente. Havia ainda um pequeno pedaço de mim que desejava ser a única a acreditar nele, a que ele pouparia, porém, mais do que qualquer coisa, eu queria pegar a mão de mim mesma com dezesseis anos e a mão da minha futura filha, e sair correndo dali.

Depois de entrevistar Ron, me reuni com um ator que havia lido meu roteiro e estava considerando fazer o papel de Marshall. Era Don Johnson, de *Miami Vice*. Como sempre, cheguei cedo, então fiquei rodando por lá e me perdi, o que me fez chegar atrasada, como sempre. Estacionei na rua, caminhei até um grande portão e apertei um botão que alertou uma câmera de vídeo. Acenei e tentei dizer alguma coisa sobre não ser necessário abrir de todo o portão, porque eu não iria entrar de carro. Ergui as mãos para a câmera, indicando a largura do meu corpo. O portão começou a se abrir, eu me esgueirei por ele, mas ele continuou se abrindo. Mesmo depois de estar lá dentro sentada diante de Don em seu escritório, eu ainda ouvia o portão se abrindo. Por fim ele mudou de direção e começou sua longa viagem de volta.

Don era bonitão e muito sólido, do jeito que os homens muitas vezes são depois dos cinquenta. Homens com esse tipo de físico às vezes pedem que a gente dê soquinhos neles; não aconteceu dessa

vez. Falamos de meditação e budismo. Eu não conseguia me lembrar se ele tinha tido problemas com drogas, mas desejei que tivesse chegado à meditação através da recuperação. É sempre um alívio para mim quando alguém está em recuperação, isso automaticamente vira assunto da conversa. Não que eu esteja em recuperação, mas me identifico com o sentimento de tentar e falhar e tentar de novo. Pessoas que passaram por uma reabilitação estão acostumadas a falar sobre o assunto — é uma exigência do processo.

Don e eu conversamos sobre estar presente e a indefinição do "agora", depois ele elogiou por algum tempo o talento do filho, o que, como era de esperar, me levou às lágrimas. Para não chorar, precisei usar o truque de contrair a bunda até o tamanho de um punho e repetir mentalmente as palavras *foda-se-foda-se-foda-se*. Discutimos o roteiro e sugeri que ele fizesse um teste para o papel, o que é a única coisa que nunca se deve dizer nesse tipo de reunião — parece uma ofensa, e sempre me esqueço disso. Então de repente a reunião acabou. Ele me acompanhou até lá fora, o portão se abriu, e ainda continuava se abrindo quando saí com meu carro.

Eu me mudei para Portland, Oregon, quando tinha vinte anos. Portland era a cidade natal de Gary Gilmore, o assassino sobre quem Norman Mailer escreveu em *A canção do carrasco*. Eu tinha lido esse livro com quinze anos, portanto passei muito tempo pensando no lado sombrio de Portland, mas não foi essa a razão pela qual me mudei para lá. Eu queria fazer parte da revolução do Northwest Riot Grrrl e ficar mais perto da minha namorada. Mas, se não desse certo, eu sabia que o submundo estaria à minha espera.

Encontrei emprego nos classificados para trabalhar no Pop-A-Lock abrindo portas de carro. A entrevista foi feita num restaurante da cadeia Denny's, e fui treinada num depósito cheio de carros destruídos cobertos de sangue, cabelo e adesivos de risco biológico. Eu usava um grande colete vermelho e levava um bipe no cinto. Dava plantão vinte e quatro horas por dia, atendendo toda a região do

tricondado. Os clientes quase sempre pareciam desanimados ao ver alguém tão pouco viril vindo em seu socorro, e muitas vezes eu levava mais de uma hora para conseguir abrir a porta, mas sempre acabava conseguindo ("apertar e sacudir" era o truque). Louvei o Pop-A-Lock até a hora que pedi demissão, quando admiti que aquele era um dos piores empregos que alguém poderia ter. Abrir portas de carro foi meu último trabalho assalariado real, mas a verdade é que eu não ainda não vivia inteiramente da minha arte — eu era uma ladra. Roubava não apenas minha comida e roupas, mas quase tudo o que não estivesse bem preso. Um dia, roubei da Payless ShoeSource um par de tênis pretos com fechos de velcro. Eles meio que pareciam Reeboks falsificados. Uma etiqueta de alarme estava presa na lingueta de velcro do tênis do pé esquerdo, razão pela qual eu levava comigo uma tesoura. Cortei a etiqueta e pus o tênis na bolsa. Saí da loja e fui caminhando até uma loja de consertos de sapatos chamada Irmãos Greiling. Perguntei ao homem que trabalhava lá se ele poderia fazer aquele ótimo tênis de velcro preto ficar mais alto; eu queria ser alta. Ele me perguntou por que uma parte da lingueta de velcro do pé esquerdo estava cortada. Examinei-a com atenção, como se a estivesse vendo pela primeira vez. Ele inclinou a cabeça para trás, me olhando de cima a baixo, e disse alguma coisa como "Você é um pássaro estranho". Não exatamente isso, mas algo que me deixou meio na defensiva — essa era a minha emoção primária naqueles anos, o que é compreensível, já que eu poderia ser acusada de muita coisa e até mesmo ir presa. Dei uma resposta vaga sobre ser uma artista e precisar do tênis para uma performance. Ele disse que gostaria de saber exatamente que performance eu fazia, por isso, quando fui buscar o tênis, agora mais alto, levei para ele uma cópia do meu cd, *Ten Million Hours a Mile*.

Assim foi o início da minha amizade com Richard Greiling, da Greiling Irmãos Consertos de Sapatos. Não havia outro irmão, ele só gostava do som desse nome. Richard era rouco e maltrapilho, sempre prestes a fazer algo ridiculamente perigoso ou dizer alguma coisa

categoricamente profunda. Com o tempo, eu o convenci de que, se ele era capaz de consertar qualquer parte de um sapato, então era provável que pudesse também fazer sapatos do zero. Ele fez para mim três pares de sapatos maravilhosamente estranhos e pesadões, que desenhamos juntos. Com o tempo, perdeu a loja e precisou trabalhar como vendedor de sapatos na loja de departamentos Meier & Frank. Nessa época, ele já tinha estrelado dois curtas-metragens meus, *Getting Stronger Every Day* [Ficando mais forte a cada dia] e *Nest of Tens* [Ninho de dezenas], e inspirou o protagonista masculino, Richard Swersey, do filme que eu estava escrevendo, *Eu, você e todos nós*. Eu o tinha imaginado no papel dele mesmo nesse filme, mas no fim acabei dando uma de covarde ou de inteligente, e escolhi um ator que tinha o mesmo tipo de característica tosca e volátil dele — John Hawkes.

Perdi contato com Richard anos depois. Sem perceber, eu o associei mentalmente a John; os sucessos da carreira de John pareciam significar que tudo tinha dado certo para todo mundo. Mas bem na época em que eu estava me encontrando com atores e anunciantes do *PennySaver* cruzei outra vez com Richard Greiling. Ele parecia o mesmo, mas disse que não era mais. Descreveu sua queda até o fundo do poço, que foi onde ele disse estar. Para mim, ele ainda era extraordinário, mas vi que não estava brincando. As contradições entre ele e o ator que o tinha interpretado me apertaram o coração. Revi seus desempenhos em meus curtas, e ele era muito bom, talvez tão bom quanto John Hawkes, só que um pouco mais extravagante. Eu sabia que não tinha cometido um erro, mas isso me fez pensar que tipo de diretora eu queria realmente ser. Los Angeles é muitas coisas, mas também uma cidade industrial — quase todo mundo que eu conhecia trabalhava em filmes, pelo menos uma parte do tempo. O que tornava difícil, quase impossível, resistir às regras e aos rituais cinematográficos de Hollywood; de certa forma, eu estava grata por fazer parte daquilo. Por outro lado, tentava desesperadamente me lembrar de que não havia uma fórmula para um bom filme; na

verdade, eu poderia escrever qualquer coisa e escolher qualquer um para o elenco. Poderia escolher fantasmas ou sombras, um abacaxi ou a sombra de um abacaxi.

MATILDA E DOMINGO

—

URSINHOS CARINHOSOS

US$ 2 - US$ 4

—

SINO

—

Passei muito tempo sem ler *O futuro*, e de propósito; no mínimo, as entrevistas do *PennySaver* me mantinham ocupada enquanto eu me distanciava de Sophie e Jason. Gostava de pensar no roteiro adormecido, curtindo como um pernil numa cabana de tábuas de nogueira. A cada dia que era deixado quieto, melhor ficava. E agora era hora de dar uma olhada no progresso que havia feito sem mim. Imprimi tudo e deixei na minha escrivaninha. Saí do quarto e voltei, fazendo de conta que eu era uma faxineira intrometida; às vezes isso me ajuda a querer ler meu próprio texto. O que temos aqui?, perguntei a mim mesma, espiando a primeira página e depois olhando furtivamente sobre meu ombro. Na última página, eu estava em pânico. A pausa surtira o efeito contrário. Os anunciantes do *PennySaver* me emocionavam tanto, eram tão vívidos e reais, que meu roteiro — a ficção inteira, inclusive Paw-Paw e a Lua Falante — parecia agora uma chatice só. Eu não tinha novas ideias sobre como trabalhar as cenas de Jason, e de algum jeito perdera partes que eu pensava resolvidas. Meu desespero aumentava. Só que a sensação não era bem como a frase "Meu desespero aumentava"; não era tão dramática e impressionante como nuvens negras antes de uma tempestade. Era patética e tediosa, como alguém que você não quer por perto.

Se eu fosse Sophie, minha personagem no filme, teria tido um caso naquele momento. Não por paixão, só para me colocar inteira nas mãos de alguém, como uma criança. Mas nem no filme isso funcionou direito. Então pensei, como faço sempre, na cena de *Indiana Jones e a última cruzada*, em que Indiana se vê diante do que parece ser ar rarefeito, um vazio, e dá um passo à frente. Faz isso achando que vai morrer, mas sabendo que não tem escolha. Então, de um jeito impossível, em vez de cair, seu pé pousa sobre alguma coisa sólida. Acontece que na verdade há uma ponte invisível atravessando o vazio. Estava ali o tempo todo.

Os dilemas de Indiana são sempre de vida ou morte, então o movimento audacioso é óbvio — é aquele que vai fazer a plateia gritar: "Não faz isso, Indiana!". Meus riscos eram bem menores. Podia desistir das entrevistas e terminar o roteiro ou podia continuar me encontrando com estranhos, acreditando que eles acabariam me levando ao que eu precisava aprender para terminar o roteiro. A plateia, provavelmente, não se importaria muito com nenhuma dessas duas soluções; nada a faria gritar: "Não faz isso, Miranda!". Mas resolvi que Indiana não se sentaria na frente do computador. Ele ignoraria as vozes que diziam que ele não passava de um procrastinador, pegaria o telefone e ligaria para Matilda, que estava vendendo Ursinhos Carinhosos por dois a quatro dólares cada um.





Matilda não sabia que nosso encontro se dava num momento tão crucial, e eu não contei. Como sempre, só fiquei ouvindo e tentei sentir a realidade da vida dela, morando com marido, irmão, filho e um cachorrinho minúsculo. Ela usava um vestido bonito e tinha a segurança mas não o rosto de uma mulher bonita. O marido era majestoso e um tantinho galante, passando de vez em quando pela sala com um aceno cortês. Sentamos no sofá, perto de uma pilha de roupa para lavar, e falamos sobre os ursos.

Matilda: Nós os colecionamos. Eu vou a encontros de trocas, a bazares caseiros. Mas minha coleção especial está ali, são os *Precious Moments*. Aqueles são meus.

Miranda: Do que você gosta neles?

Matilda: Ah, talvez dos olhos.

Miranda: São meio tristes. Meio que parecem estar chorando.

Achei que era projeção minha. Mas Matilda fez que sim com a cabeça.

Matilda: Eles são fofos.

Miranda: E você tem um bom lucro com a venda?

Matilda: Ah, tenho, sim!

Miranda: Que tipo de gente compra?

Matilda: Bem, na maioria americanos, japoneses... porque os latinos, você sabe, eles não gastam dinheiro com coleções.

Miranda: De onde você é?

Matilda: De Cuba. Sou de Cuba.

Miranda: Quando se mudou para os Estados Unidos?

Matilda: Em dezembro de 1971. Eu tinha catorze anos.

Miranda: E qual foi a época mais feliz da sua vida até agora?

Matilda: Quando eu vivia no meu país.

Miranda: Em Cuba?

Matilda: É.

Matilda me mostrou a casa. A garagem tinha sido transformada em quarto. "Transformada" não é bem a palavra — todos os móveis de um quarto tinham sido colocados lá, mas ainda havia a porta automática que subia enrolando e o chão de cimento. Esse era o quarto principal, onde Matilda e o marido dormiam.

O irmão e o filho dela ficavam nos quartos de verdade. Enfiei a cabeça pela porta de um deles. Acima de uma cama de solteiro, havia uma colagem elaborada de mulheres e crianças.





Miranda: Bonita colagem!

Matilda: É do meu irmão. Ele é solteiro e faz uma bagunça.

Miranda: Então essas aí são só...

Matilda: Ele coleciona vários tipos de atrizes, atrizes e bebês. Ele é solteiro. Deve andar sonhando.

A colagem era o de menos. Espalhados pelo chão, havia montes de envelopes pardos cheios de fotos do mesmo tipo e com etiquetas como FOTOS DE CADEIAS, GAROTAS, BEBÊS, FOTOS DE CARROS DE POLÍCIA, FOTOS DE INTERIORES DE CARROS DE DELEGADOS, BELAS GAROTAS, FOTOS DE BEBÊS E TAMBÉM FOTOS DE UMA PRISÃO.

No meu léxico de sinais e símbolos, fotos obsessivamente organizadas de prisões, bebês e belas garotas são um indício de que algo muito grave está acontecendo. Alguém anda fazendo alguma coisa desnecessária por razões que são um mistério para todo mundo. O irmão de Matilda, Domingo, não estava, e Matilda não tinha muito a dizer sobre ele.

Voltei para casa e fiquei olhando as fotos dos envelopes até a curiosidade ficar maior do que eu. Então telefonei de novo e marquei um encontro com Domingo para algumas semanas depois. Ele estava à nossa espera na calçada quando chegamos de carro — grande, gentil e nervoso. A colagem na parede de seu quarto tinha mudado, mas ainda era do tipo "Belas Garotas e Bebês". Pareceu-me mal-educado perguntar sobre os itens em questão antes de saber alguma coisa sobre ele, então comecei com o que já sabia.





Miranda: Você se lembra de quando veio de Cuba? Ou era muito pequeno?

Domingo: Não me lembro de nada lá. A única coisa que me lembro é de morar no andar de cima. Só isso.

Miranda: Quantos anos você tinha?

Domingo: Seis. Vim do mesmo jeito que a minha irmã, e que a minha tia também, como refugiado cubano. Não viemos ilegalmente — na época tínhamos permissão para vir de Cuba para cá, sem problemas, sem precisar fugir de lá nem nada disso. Estávamos aqui e pronto. Alguns anos depois passamos a ser residentes e depois cidadãos.

Miranda: Como é o seu dia normalmente?

Domingo: Eu me levanto às oito ou nove da manhã. Me visto, pego uma bolsa que uso sempre e vou para o Taco Bell, que fica logo ali, na esquina da Carmenita com a Telegraph. Consigo uma soda grátis porque conheço todo mundo lá e sou uma pessoa humilde. Tenho bom coração. Gosto de ajudar as pessoas, daí fiz amigos por lá. Liguei para o escritório deles e disse, sabe, como eles são ótimos. Tem uma moça que trabalha lá — ela é muito gentil. Ela é negra, mas fala espanhol. Se você for lá, ela vai te dar um sorriso. Eu já disse a ela e ao patrão dela, sabe como é, que eu acho ela legal, e vou continuar ligando para o escritório deles até ela ser promovida. Não há ninguém para quem ela não dê um sorriso e, sabe, bom-dia, boa-tarde, até-logo quando a gente sai. Ela vai até as mesas e pergunta para todo mundo: "Está tudo bem?".



Miranda: E quanto tempo você fica lá?

Domingo: Em geral uma hora ou duas, por aí. Sabe como é, eles têm ar-condicionado, então é bom lá dentro. E de lá eu vou para a biblioteca ou para a farmácia. Na biblioteca, fico no computador e tento achar umas informações, umas fotos. Mas infelizmente essas fotos de computadores normais são só em preto e branco. Se a gente quer em cores, como eu às vezes quero, tem que pagar um pouco mais. Mas em geral quando a minha amiga, a bibliotecária, faz as fotos para mim, ela faz no computador dela, então ela me dá as fotos coloridas. Essa costuma ser a minha rotina diária. Ah, às vezes eu também gosto de ir ao fórum assistir aos casos, você sabe, casos criminais e audiências preliminares, que são parecidas com julgamentos. Observo o caso desde os primeiros trâmites dos procedimentos até a sentença.

Miranda: Fale de um dos melhores períodos da sua vida.

Domingo: A época mais feliz da minha vida foi, eu acho, quando me tornei um cidadão. Eu tinha que estudar muito, e costumo ter dificuldade para decorar — tipo tenho problemas com a interpretação da leitura. Mas eu consegui ler, li todas as perguntas e respostas da prova para me tornar um cidadão. Eles testam a gente — uma pessoa da Imigração senta na sua frente e faz perguntas, e você tem que responder sem olhar. Então a gente precisa ter aquilo na cabeça, tem que estudar antes. Eram muitas páginas, muitas. Eu tive que estudar muito; um monte de coisas que eu estudei eles não me perguntaram, mas eu aprendi muito.

Miranda: Quantos anos você tinha?

Domingo: Foi há muito tempo. No colégio. Mas essa foi uma das fases mais felizes da minha vida. Quando eu fiz alguma coisa que realmente deu certo. Fiquei mesmo muito feliz com isso,

fiquei de verdade.

Miranda: Então me fale dessas fotos na parede.

Domingo: Eu tenho... tipo assim... fantasias e essas coisas... tipo faço de conta que sou um oficial, você sabe, um delegado, coisas assim...

Miranda: Quando começou a colecionar?


The Criminal Law Handbook

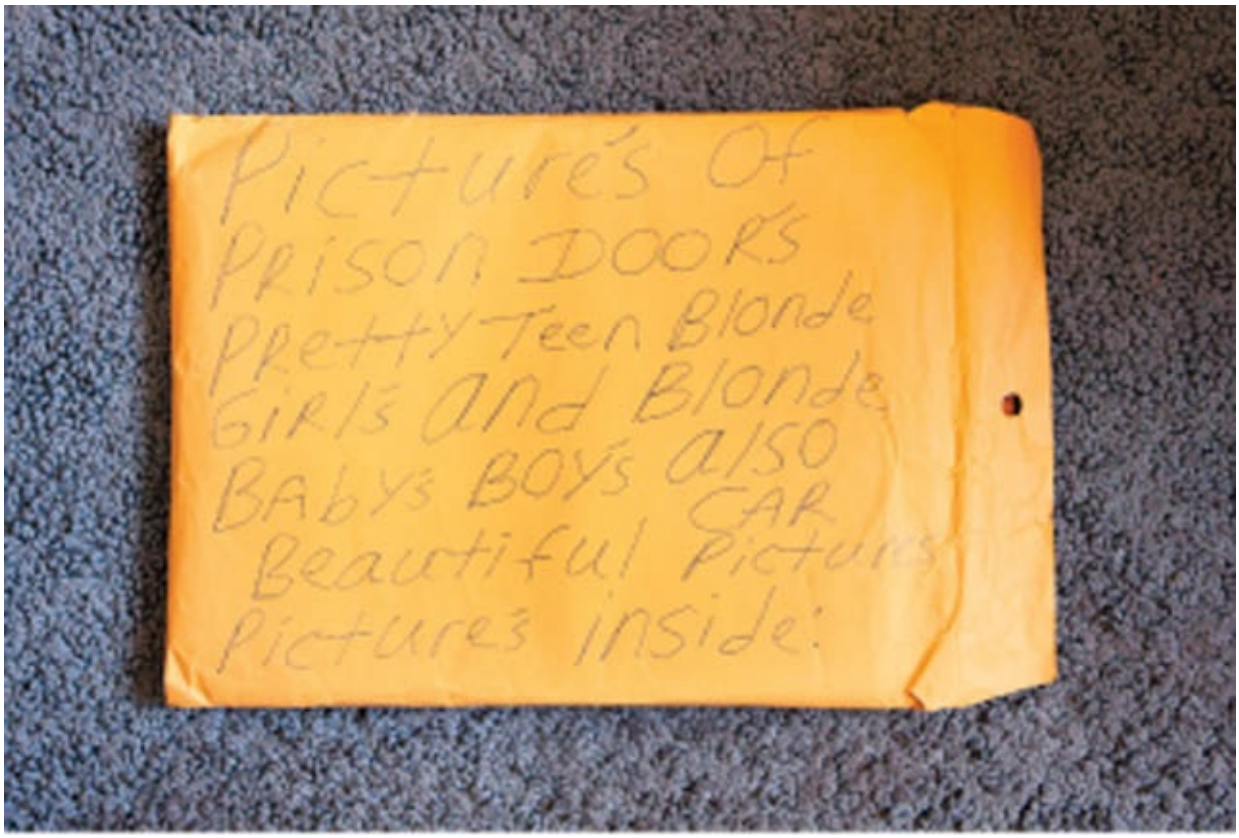

PROUD TO BE AN

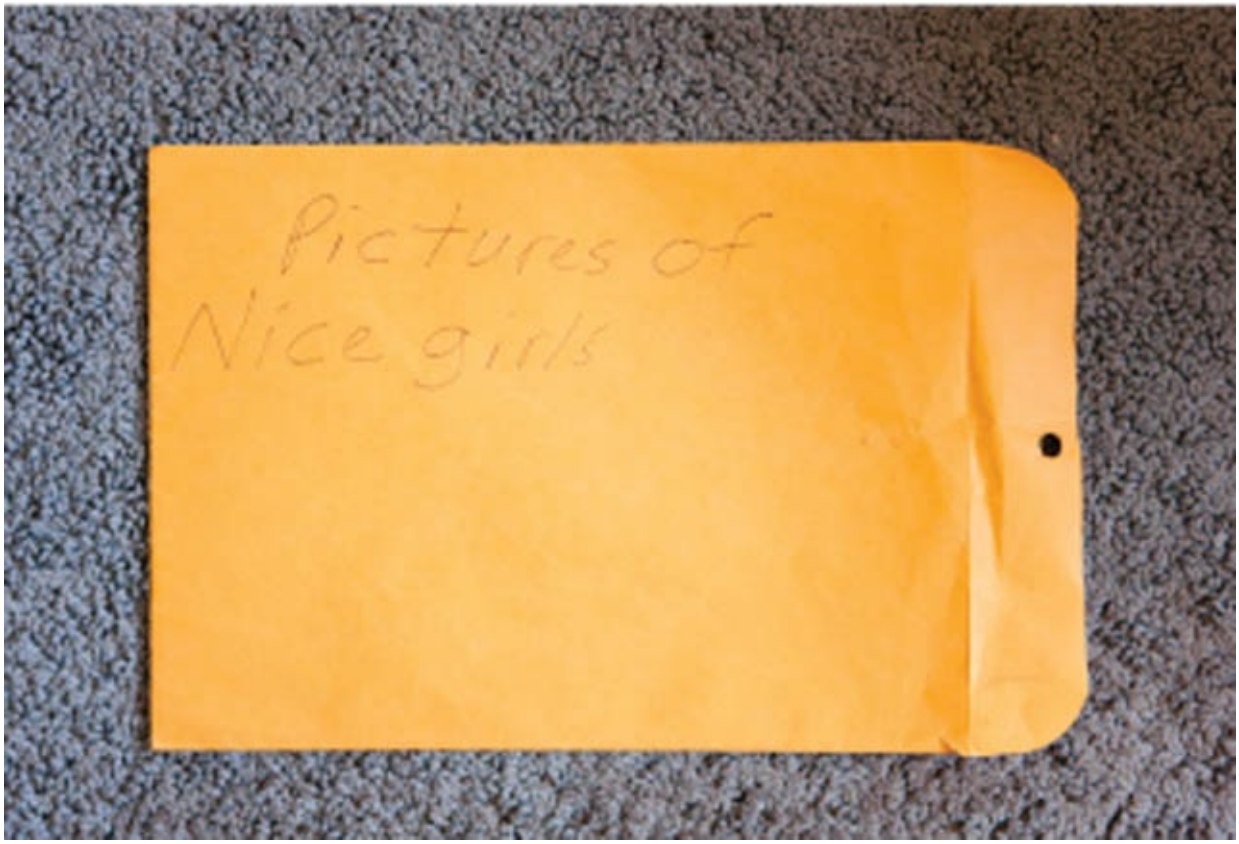
Domingo: Já faço isso há alguns anos. Na verdade, comecei logo depois de me formar no colégio. Nunca consegui me tornar oficial de polícia nem delegado nem nada parecido. E o que aconteceu aqui foi que eu construí uma fantasia em que eu sou um juiz, ou um oficial de polícia, ou um delegado, e então eu investigo — telefono e descubro como são os turnos de trabalho deles. Estou fazendo também um tratamento psicológico e psiquiátrico, então conto isso ao meu terapeuta. Ele disse, bem, se isso é uma coisa que não te impede de fazer outras coisas, tudo bem ter fantasias, desde que você não saia por aí dizendo que você é o que você diz que é na sua cabeça. E é tudo na minha cabeça. Então eu ponho fotos na parede de que eu sou um juiz, de que eu tenho uma família, de que eu tenho um carro, coisas assim. Preciso das fotos na parede para que tudo seja de verdade na minha cabeça. Porque se eu não ponho na parede...

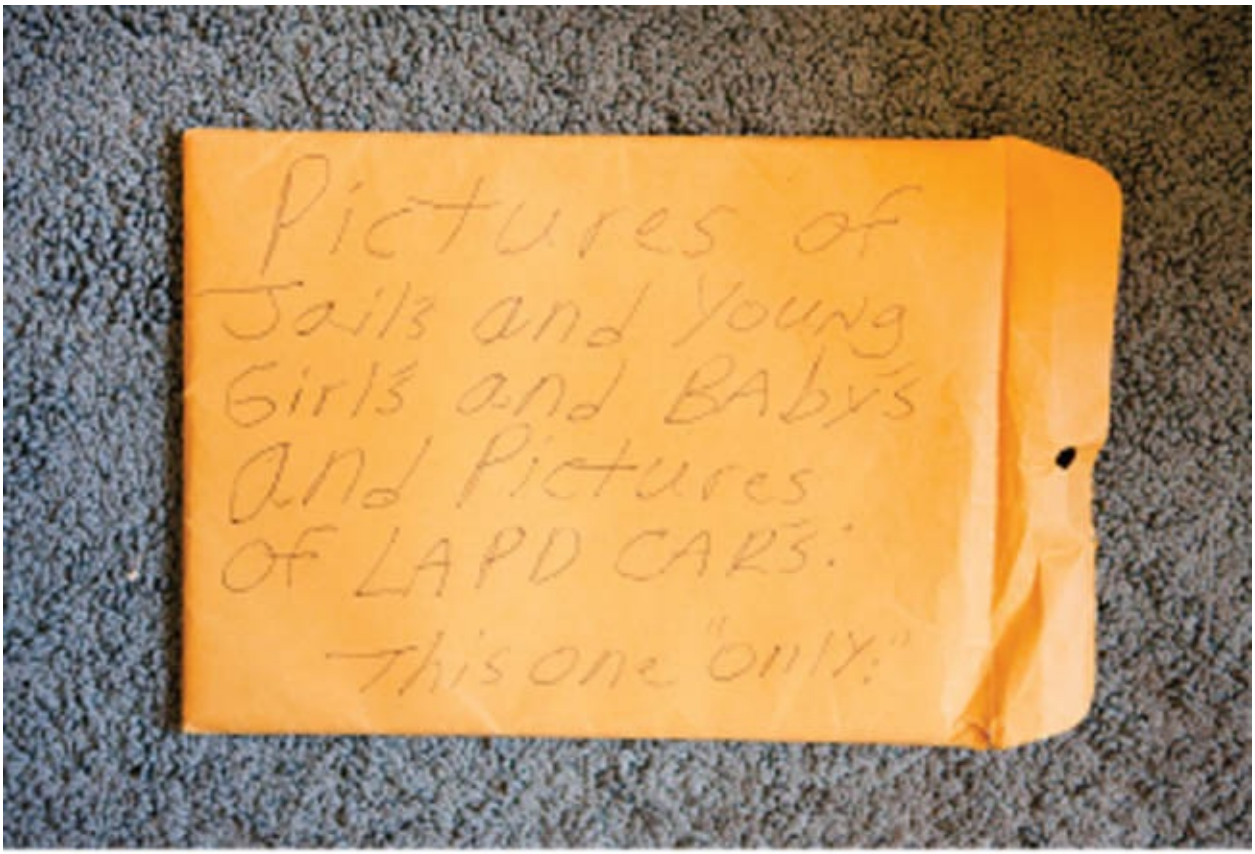
Miranda: Você não consegue ver.

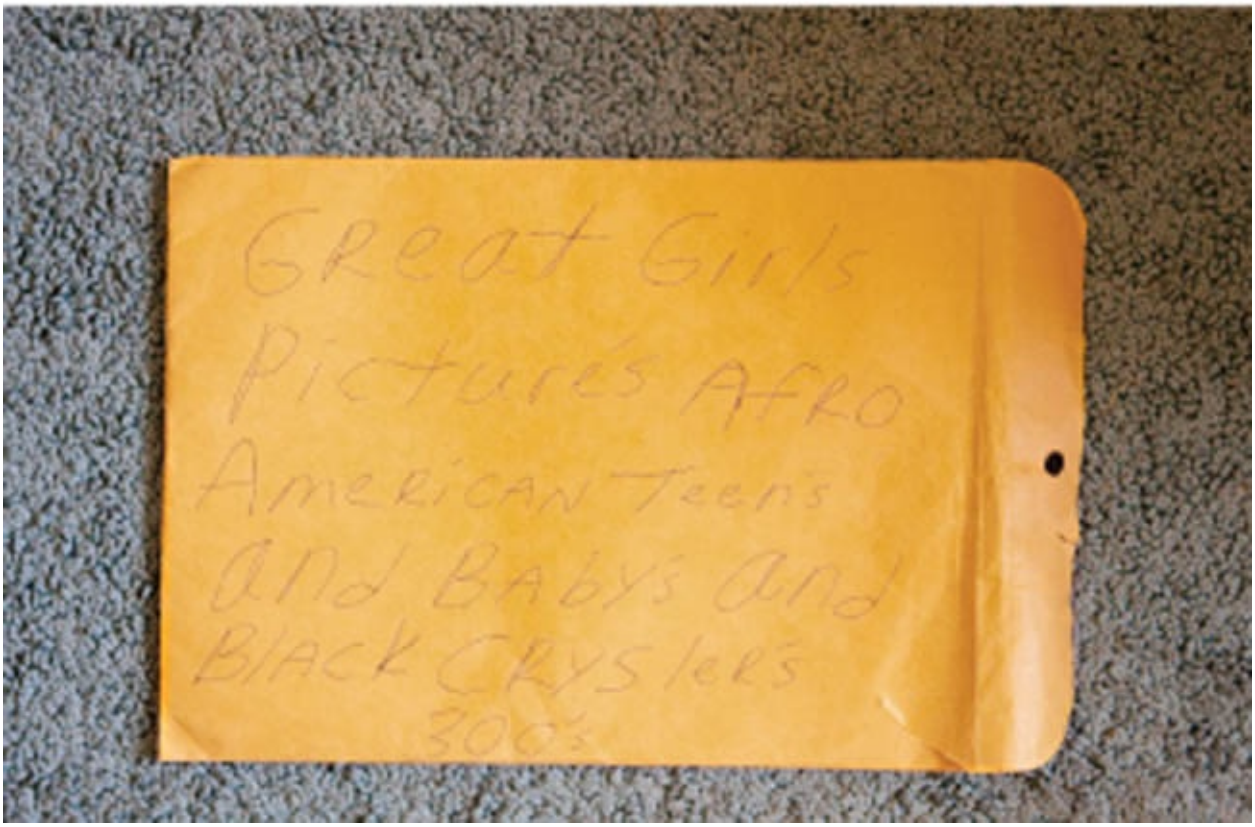
Domingo: Não consigo ver na minha cabeça. Então tem que ser alguma que eu... humm...

Miranda: Possa ver numa foto.


Pictures Of
Prison DOORS
Pretty Teen Blonde
Girls And Blonde
Babys BOYS also
CAR
Beautiful Pictures
Pictures inside:


Pictures of
Nice girls


Pictures of
Girls and Young
Girls and BAbys
And Pictures
Of LAPD CARS.
This one "ONLY."


Great Girls
Pictures Afro
American Teens
And BAbys And
BLACK CHRYSLERS
300's

Domingo: Possa olhar e ver tudo ali. Me encontro com a bibliotecária, minha amiga, e é ela quem arranja essas fotos pra mim. Ela sabe para que servem, então sabe que eu nunca coleciono nada... humm... você sabe... fotos de gente nua ou coisas desse tipo.

Miranda: É vida de família.

Domingo: É, com filhos e coisas assim. Você sabe, faço isso há anos, e sempre troco as fotos, quando sinto necessidade de mudar, de ser alguém diferente.

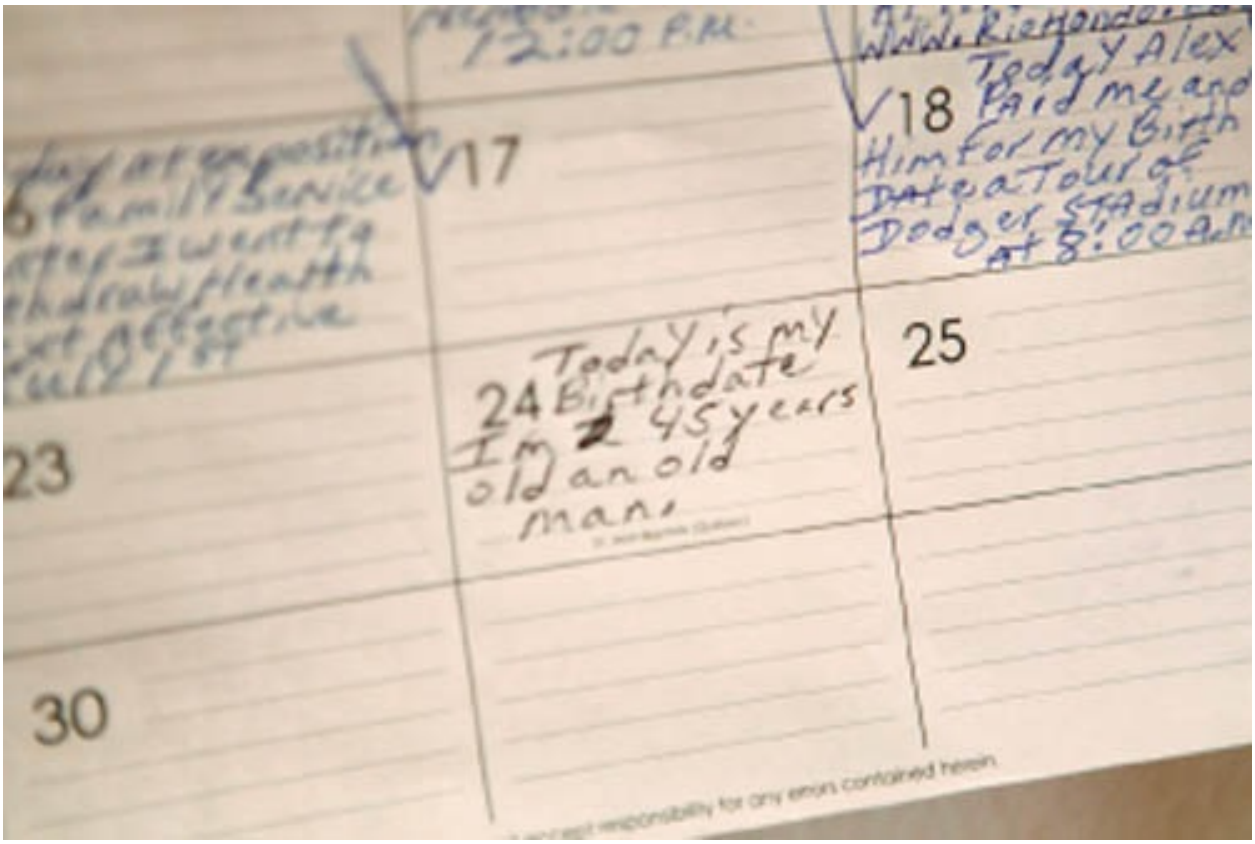
Domingo nos acompanhou de volta ao carro. Agradecemos um ao outro muitas vezes. Não ficou claro por que estávamos tão gratos — só podia ser por motivos completamente diferentes, ou talvez apenas pela euforia da confraternização. Eu me vi pagando a ele um pouco mais do que a qualquer outro, como se isso de algum jeito nivelasse as coisas. Porque, de todas as pessoas com quem me encontrei, Domingo sem dúvida era o mais pobre. Não o mais triste nem o mais indefeso, mas a pessoa perto de quem eu me senti mais bizarramente privilegiada. Voltamos para casa, no meu Prius. Se eu só interagisse com gente como eu, me sentiria normal de novo, não bizarra. O que também não me parecia certo. Então decidi que tudo bem eu me sentir bizarra, era adequado, porque eu *era* meio bizarra. Mas me sentir só daquele jeito seria um erro terrível, porque havia um milhão de outras coisas para perceber.

Tudo o que eu sempre quis mesmo saber é como as pessoas estão se virando na vida — onde põem o próprio corpo, hora a hora, e como dão conta de tudo. Domingo era compulsivo e livre, aparentemente destemido, e sua essência, seus sonhos estavam pregados na parede. Naquela noite, Brigitte me mandou as fotos do dia; examinei todas, para o caso de haver alguma coisa que eu tivesse deixado escapar pelo fato de estar no local. Analisei uma foto do calendário de Domingo. "Hoje é meu aniversário", estava escrito num dos quadrados. "Tenho

quarenta e cinco anos, um velho." Supus que ter quarenta e cinco anos pareceria a ele absolutamente implausível, considerando que não tinha mulher nem filhos nem emprego, nenhum dos acessórios da passagem do tempo como eles são descritos para todos nós.

Cliquei em todas as fotos que Brigitte tinha feito até então. O que eu procurava? Imagino que calendários. Mais fotos de calendários. E lá estavam elas. Todo mundo tinha um, e eram todos calendários muito cheios. Por um momento, eles me pareceram estranhamente compulsivos, como se eu tropeçasse num grupo de fanáticos por calendários, então lembrei que todos nós costumávamos ter um desses, até muito, muito pouco tempo atrás. Todos nós anotávamos nossa vida nos quadrados dos dias, intrincadamente escrita à mão, e pendurávamos na parede para que todo mundo visse. Por uma fração de segundos, senti como as coisas eram, como o tempo costumava ser sentido antes dos computadores.

Tentar ver as coisas que são invisíveis mas próximas sempre me atraiu. Parece-me uma causa real, algo por que lutar, e ainda assim tão abstrato que a luta precisa ser igualmente sutil. Quando eu tinha vinte e poucos anos e fazia *performances* e fanzines e tentava me conceber como cineasta, tinha certeza de que aquela tarefa era difícil não só porque havia muito poucos filmes feitos por mulheres, mas porque aquilo parecia normal até para mim. Então decidi me tornar capaz de perceber a falta desses filmes feitos por mulheres. Entrevistei garotas adolescentes, mães ocupadas e mulheres mais velhas pelas ruas de Portland, parando-as e perguntando: "Se você fosse fazer um filme, sobre o que ele seria?". Compilei respostas e fotos num pôster chamado "O relatório dos filmes inexistentes". Algumas respostas foram interessantes, a maioria não. Mas será que agora eu sentia a ausência? Agora que eu tinha pedido ajuda a elas, será que aqueles filmes não feitos estariam me modificando, como fantasmas? Os resultados do relatório foram inconclusivos.


12:00 P.M.
17
Today Alex
18 Paid me and
Him for my Birth
Date a Tour of
Dodger STADium
At 8:00 A.M.
Today is my
24 Birthdate
I'm 45 years
old an old
man.
23
25
30

Havia uma questão tão incômoda quanto essa, mas perguntei obstinadamente a cada vendedor do *PennySaver* se ele usava computador. A maioria não usava e, embora tivessem muito a dizer sobre outras coisas, não tinham muito a dizer sobre essa, sobre essa ausência. Comecei a perceber que fazia a pergunta só para lembrar a mim mesma que eu estava num lugar onde computadores na verdade não importavam, só para me admirar com isso. Como se eu receasse que o escopo daquilo que eu podia sentir e imaginar estivesse sendo limitado na surdina pelo mundo dentro de um mundo, a internet. As coisas fora da rede tornavam-se mais distantes de mim, e tudo dentro dela parecia relevante ao extremo. Blogs de estranhos precisavam ser lidos todos os dias e pessoas próximas, sem presença no ciberespaço, tornavam-se quase figuras de desenho animado, como se faltasse nelas uma dimensão.

Não quero dizer que eu pensava assim de verdade; aquilo só estava acontecendo — como o tempo, como a geografia. A rede parecia tão inerentemente infinita que não me ocorria o que não estava ali. Minha ânsia por fotos, vídeos, notícias e músicas era agora tão gigantesca que se alguma coisa estava encolhendo, alguma coisa incomensurável, como eu perceberia? Não que minha vida antes da internet fosse tão fantasticamente diversificada — mas era apenas um mundo e na verdade continha todas as coisas. O blog de Domingo foi um dos melhores que já li, mas precisei ir até ele para saber disso, ele precisou me falar do blog com todo o seu ser, e não havia uma maneira fácil de procurar por Domingo. Ele só poderia ser encontrado por acaso.

Cientificamente, minhas entrevistas são um tanto frágeis, tão questionáveis quanto "O relatório dos filmes inexistentes", mas num dia não muito distante não haveria mais ninguém sem computador em Los Angeles e esse exercício seria impossível. A maior parte da vida está off-line e acredito que sempre estará; comer, sentir dor, dormir, amar são coisas que acontecem no corpo. Mas não é impossível me imaginar perdendo o interesse por essas coisas; elas nem sempre são

fáceis, e tomam muito tempo. Daqui a vinte anos, estarei entrevistando o ar, a água e o calor, só para me lembrar de que um dia eles tiveram importância.

DINA

—

SECADOR DE CABELO CONAIR

US$ 5

—

SUN VALLEY

—

Eu conhecia Sun Valley; no começo do ano, eu havia trabalhado com um serralheiro instalado lá que me ajudou a fazer uma série de esculturas. Eu tinha andado de carro por ali algumas vezes por semana, mas sempre com a mente focada em mim e sempre com pressa — é difícil parar o carro quando ele começa a andar. Dessa vez, percebi que muitas outras coisas também eram fabricadas em Sun Valley, adereços gigantes para filmes e vigas enormes de metal. Lá também eram destruídos e reciclados objetos grandes, como carros e eletrodomésticos. E, enquanto eu caminhava em direção à casa de Dina, de repente me dei conta da maior de todas as coisas enormes que havia ali: as Montanhas Verdugo. Sun Valley vivia à sombra delas. Perguntei-me como não as tinha visto todas as vezes que havia ido para lá, e me senti como se eu fosse agora uma pessoa melhor — uma mulher que não estava mais interessada apenas em sua própria paisagem interna. Eu poderia nunca terminar o roteiro, e o mundo não seria nem um pouco pior por causa disso. O mais provável é que eu abraçasse uma dessas profissões assistencialistas, talvez me tornasse uma freira secular casada.

Tagarelando, chegamos a um loteamento fechado, cheio de fileiras

do que pareciam ser casas transportáveis, formando ruas para pedestres. O lugar adotava um meticuloso padrão governamental de prevenção de calamidades. Não era deprimente, só que tudo era muito novo; como um Tupperware novo, ficaria velho na mesma hora. Dina e sua filha Lynette tinham acabado de se mudar e mostravam-se animadíssimas por estar lá. Era uma vida absolutamente nova e uma boa hora para se livrar de coisas.

Miranda: Então ele está funcionando?

Dina: Ah, tá funcionando, sim.

Miranda: E há quanto tempo você tem esse secador de cabelo?

Dina: Ah, tenho esse secador de cabelo há muito, muito tempo. Desde pelo menos o ensino médio ou o fundamental, então são muitos anos. Mas ele tem uns probleminhas.

Miranda: Ele está aqui?

Dina: Tá, tá aqui, sim.

Miranda: Você pode ir pegá-lo?





Dina: Quer que eu pegue agora? Tudo bem. Até que ele não tá ruim para uma coisa tão velha.

Dina saiu e voltou com um secador de cabelo muito antigo.

Miranda: É, não é um secador moderno.

Dina: Não, não é, mesmo assim... ele tem o botão do frio, o botão de ar frio.

Miranda: Então você o ganhou no ensino médio ou no fundamental... Você se lembra mesmo disso?

Dina: Lembro que eu o usava. Acho que quem comprou foi minha mãe. É, eu me lembro que eu o usava. A gente costumava pôr laquê.

Miranda: Você tem fotos dessa época?

Dina: Não.

Eu queria descobrir como ela havia se tornado a mulher misteriosa que era. Seu corpo grande e sardento era decorado com tatuagens e piercings, e as sobrancelhas pintadas, que apenas vagamente lembravam sobrancelhas reais, eram cor de vinho. Ela usava, como se fosse uma joia, um fone de ouvido rosa-escuro de celular, e uma imagem do Popeye torcia o nariz em sua camiseta. Eu não sabia se ela era mais velha ou mais nova que eu; talvez fosse de uma nova era que não tinha a ver com números.

Dina: Sabe de uma coisa... espera um pouco. Eu tenho um álbum de recortes. Posso te mostrar.

Miranda: Seria ótimo. Eu adoraria.

Ela abriu um armário e remexeu lá dentro por algum tempo, falando

em voz alta com o álbum, perguntando onde ele estava. Ele afinal se mostrou e ela o pegou, balançando a cabeça.

Dina: Este álbum está com uma cara péssima, né?

Miranda: Ele é bem antigo.

Dina: É, este é o original. Veja isto! Veja isto! Que criativo... eu tirava das revistas.

A adolescente Dina tinha colado fotos de revistas de mulheres negras — eram suas irmãs fictícias. Parecia que todos com quem eu me encontrava tinham uma família imaginária de papel. Dina alisou o rosto da modelo e decifrou sua própria letra arredondada.

Dina: "Peça, peça irmãs às estrelas." Não é o máximo? Mas, se me lembro direito, a melhor irmã está na página seguinte. Eu chegava a dar nomes para elas.

Miranda: Claro. Então esta é a Sharon e esta é a Linda. "Eu quero minha melhor irmã. Eu quero mesmo dizer que ela sempre será minha irmã. Ela também me ama."

Dina: É bem profundo, né?



Enquanto Dina falava sobre sua família, eu observava a sala. Não tinha as camadas de vida das quais eu costumava extrair minhas perguntas. A maior parte dos móveis parecia tão provisória quanto a casa, projetada para servir de dormitório.

Miranda: Que tal o sofá inflável?

Dina: Fantástico. Ainda não o testamos, mas essa coisa é capaz de aguentar... é queen-size. É um cinco-em-um, na verdade.

Miranda: Ele vira cama.

Dina: É. É cinco-em-um.

Miranda: Deixa eu ver... um sofá, uma cama... dois.

Dina: Eu me esqueço.

Miranda: Talvez flutue, então é um barco... três.

Dina: Bem que ele parece um, né? E você sabe a coisa boa? Ele aguenta até duzentos e setenta quilos. Sério, aguenta um peso enorme, por isso é bom. Eu gosto de coisas diferentes, entende o que quero dizer, né? Eu gosto disso.

No fim percebi que a própria Dina era a coisa mais intrincada e pitoresca da casa. Seu tamanho podia ser intimidante, mas suas tatuagens e enfeites eram um convite claro.



Miranda: Me conta desse seu rosto incrível... dos piercings e tudo o mais. Quando você entrou nessa?

Dina: Eu gosto de decorar o corpo, só isso, mesmo sabendo que não é muito legal... é, a gente sabe. É que eu amo enfeites. Eu gosto de arte. Então, por que não, né?

Miranda: Você faz alguma coisa especial com o piercing da língua?

Dina: É, pode ser. Você vai me fazer falar disso?

Miranda: Estou curiosa.

Dina: Não sei se devo falar dessas coisas.

Miranda: Claro que deve.

Dina: Na verdade, quando fiquei mais velha, comecei a ficar curiosa, daí eu... estou ficando vermelha. Vou falar. Sexo oral, pois é. Isto vai dar uma esquentada bem legal. Liguei para a loja antes de pôr este, e eles até têm uns que vibram.

Miranda: Não!

Dina: Sim! Daí, eu meio que pensei: "Pera aí! Isso parece uma coisa incrível, pra mim, no meu livro!".

Miranda: Então isso já foi testado?

Dina: Ainda é cedo.

Miranda: Porque ainda está cicatrizando?

Dina: É, está cicatrizando. Eu tô esperando.

Miranda: Você tem um parceiro?

Dina: Bem, na verdade, não, mas o pai deles, você sabe... Ele é uma pessoa meio problemática, mas tudo bem. Seria um candidato.

Miranda: E essa tatuagem, o que é?

Dina: Ah, é o pai das crianças. Eu acabei não fazendo o dever de casa e não sabia quanto custaria pra apagar o nome dele. Aí, o

que eu fiz agora? Botei "rip" embaixo — "*Rest in Peace*, Descanse em Paz". Ele ficava ouvindo que eu tinha tirado, aí, quando vi ele de novo, mostrei. Ele ficou surpreso. Eu disse: "Bom, pelo menos eu não botei rih"... tipo "*Rest in Hell*", de Descanse no Inferno, está entendendo?

Miranda: Ah, claro... é verdade. Você disse: "Descanse em Paz".

Dina: Eu só estava tentando dizer a ele... sabe... romper com ele. Porque quando a gente diz não dá mais, não dá mais. A gente pode voltar para a criatura, tudo bem, mas não dá mais. Eu quero fazer uma nas minhas costas dizendo: "Respeite a Rainha". Na linha da cintura. Vai ser a próxima.

Pedi que Dina me mostrasse a casa. Foi rápido. Espiamos o quarto de sua filha, Lynette; ela estava mandando mensagens enquanto via televisão mas, depois que a mãe insistiu, ela concordou em ir para a sala cantar para nós uma música de Miley Cyrus chamada "The Climb". Lynette cantou-a com a boca bem aberta, agitando os braços e agarrando o ar com as mãos.

I can almost see it
That dream I'm dreaming, but
There's a voice inside my head sayin'
You'll never reach it.
Every step I'm taking,
Every move I make feels
Lost with no direction.
My faith is shaking but I
Got to keep trying,
Got to keep my head held high.

There's always going to be another mountain.
I'm always going to want to make it move.

Always going to be an uphill battle,
Sometimes you're going to have to lose.
Ain't about how fast I get there,
Ain't about what's waiting on the other side,
It's the climb.

Keep on moving.
Keep climbing.
Keep the faith, baby.

It's all about
It's all about
The climb.
Keep the faith.
*Keep your faith.**


PLEASE
REUSE

Senti como se Miley Cyrus estivesse falando comigo através de Lynette, e ela estava sendo muito clara: queria que eu mantivesse a fé. Li na camiseta de Popeye da Dina: eu sou o que sou e senti que eu também era o que era. Eu era uma escritora, e os meus personagens Sophie e Jason estavam bem aqui comigo. Na verdade, eles *eram* eu, os dois. Será que Jason lia o *PennySaver*? Eu sabia por experiência própria que ele lia, porque o filme era ambientado em Los Angeles, e todos na cidade, reais ou fictícios, recebem o *PennySaver* pelo correio. Era tão óbvio, estava lá o tempo todo, a ponte invisível — Jason não estava vendendo árvores; ele estava comprando coisas através dos anúncios. Ele se encontrava com desconhecidos, do mesmo jeito que eu, e aquilo o ia transformando e o ligando à humanidade. Ele ficaria numa sala exatamente como aquela e ouviria alguém como Lynette cantar. Talvez não conseguíssemos pagar os direitos da música de Miley Cyrus, mas quem sabe? Não era hora de pensar pequeno. Tentei imaginar quem faria o papel de Dina. Ou de Ron. Ou de... Domingo. Foi uma ideia afrontosa. Não, claro que essas pessoas teriam que fazer o papel de si mesmas. Agradecemos Dina e me despedi sabendo que não era exatamente uma despedida. Tive vontade de piscar um olho para ela ou lhe mandar algum tipo de sinal de que ela em breve iria estrelar um grande filme, mas me contive.


I YAM
WHAT

Era como a cena de *Pollock* em que Marcia Gay Harden olha para os primeiros borrões de tinta de Ed Harris e diz, muito séria: "Você acertou em cheio, Pollock", e você sabe que ela tem razão, porque aqueles borrões de tinta agora valem zilhões de dólares na vida real. Como Marcia Gay Harden não estava comigo enquanto eu saía de Sun Valley e voltava para casa de carro, eu tive que dizer, muito séria, a mim mesma: *Você acertou em cheio, July*, e então, do mesmo jeito que Ed Harris, precisei parecer exausta e inconsciente da grandeza em que mergulhava, e precisei ser a mulher que via o filme baseado na minha vida, alguém que poderia ter nascido hoje, mas que daqui a trinta e cinco anos saberia que a história tinha provado o brilhantismo de Jason comprando coisas pelo *PennySaver*. Ela estremeceu um pouco, aquela mulher que teria trinta e cinco anos daqui a trinta e cinco anos; seus olhos se encheram de lágrimas enquanto assistia à encenação daquele momento crucial na história do cinema. Nem importava que ela não fosse fã do meu trabalho — eu não sou uma grande fã de Pollock. É só o jeito como Marcia diz aquilo. Sussurrei de novo: *Você acertou em cheio, Pollock*.

Eu havia tido uma revelação igualmente inovadora vinte e cinco anos antes, quando tinha nove anos. A epifania veio numa noite, pouco antes de eu pegar no sono: eu construiria uma cidade inteira com caixas de cereais. Colecionaria as caixas durante meses e as pintaria, centenas delas, lojas, ruas, casas e estradas, formando um mundo inteiro em miniatura que seria uma representação exata da minha cidade natal, Berkeley (embora eu ainda não estivesse absolutamente certa dos detalhes — talvez fosse melhor fazer uma espécie de Everytown, eua, já que geografia não era o meu forte). A cidade ocuparia todo o porão e eu levaria pessoas especiais para lá, acenderia as luzes e, bum!, elas ficariam de queixo caído. Depois de alimentar apaixonadamente essa ideia por cerca de uma hora, de repente tive outra: Não, eu não ia fazer aquilo. Claro que não construiria uma cidade inteira de caixas de cereais no porão. No instante que tive o segundo pensamento, eu soube que esse era o

verdadeiro. Mas também tive a certeza de que o pensamento em si era a única coisa que me paralisava, como uma maldição de bruxa — ou, melhor, como os *caçadores* de bruxas, essas mesquinhas e temíveis Autoridades Locais.

Desde aquela época até aquele exato momento, eu tinha feito o possível para evitá-las, mas depois de quase três décadas de superstições concluí que as Autoridades Locais estão sempre lá, por dentro e por fora, e ficam mais irritadas quando eu começo a mudar. Cada vez que sinto alguma coisa nova, as Autoridades Locais intervêm e gentilmente me encorajam a me queimar viva.

Então, no mesmo instante liguei para Dina, antes que o segundo pensamento surgisse. Ela concordou com a ideia de um ensaio, como se fosse o desdobramento natural de sua tentativa de vender o secador de cabelo. No dia seguinte, voltei ao acampamento-modelo com Alfred e uma câmera de vídeo e sugeri que começássemos reencenando nosso encontro do dia anterior. Eu bateria na porta, ela me deixaria entrar, me falaria sobre o secador de cabelo. Tudo certo? Tudo. Muito bem, vamos tentar.

Uma coisa inesperada aconteceu quando Dina abriu a porta, e não foi a coisa inesperadamente maravilhosa que eu estava esperando. Ela parou de usar todas as suas contrações e expressões coloquiais — *né* virou *não é*, *tô* virou *estou*. Seus braços de repente se moviam como os de um guia de museu ou de uma aeromoça, com gestos formais pra cá e pra lá. Tudo o que era vivo nela morreu misteriosamente assim que ligamos a câmera. Tentei, em vão, começar de novo, para quebrar o gelo, mas depois de algum tempo senti que estava me descontrolando e começando a ser grosseira. Acabei desistindo do meu plano e perguntei se Lynette poderia cantar de novo para nós. Lynette interpretou um rap escrito por ela mesma chamado "Ah". Era muito, muito bom. Ele ficou na minha cabeça por dias. Mas Dina e Lynette não estariam no filme, aquela ideia de escolher atores via *PennySaver* era péssima. O responsável por uma ideia tão ruim deveria arder numa fogueira.

* A subida: *Eu quase posso ver,/ Esse sonho que estou tendo, mas/ Há uma voz em mim dizendo/ Você nunca vai conseguir./ Cada passo que eu dou,/ Cada gesto que eu faço parece/ Perdido sem direção./ Minha fé está abalada, mas eu/ Tenho que continuar tentando,/ Tenho que manter a cabeça erguida.// Sempre vai ser outra montanha. Eu sempre vou querer tirá-la de lá./ Sempre vai ser uma batalha dura,/ Às vezes você vai ter que perder./ Não é a rapidez com que eu chego lá,/ Não é o que está esperando do outro lado,/ É a subida.// Continue em movimento./ Continue subindo./ Mantenha a fé, baby.// É tudo sobre /É tudo sobre/ A subida./ Mantenha a fé./ Mantenha a sua fé.*

JOE

—

CINQUENTA CARTÕES DE NATAL ARTESANAIS
US$ 1

—

LOS ANGELES

—

Então fui à casa de Joe sabendo que ele seria meu último entrevistado. A missão *PennySaver* tinha sido uma fuga digna, mas parecia diferente agora que eu havia tentado torná-la útil e falhado tanto. Foi meio boba e sem dúvida frívola, considerando o pouco tempo de que eu dispunha, em todos os sentidos. Eu tinha ido do pico da montanha mais alta para o fundo do buraco mais profundo, e agora apenas tentava não decepcionar o homem que vendia os cartões de Natal.

Joe morava perto do aeroporto de Burbank, um avião rugiu sobre minha cabeça quando toquei a campainha.

Joe: O que é isso, uma metralhadora?

Miranda: É uma câmera. E, só para não esquecermos, aqui está o seu pagamento pela entrevista.

Joe: É, isso vai ser mesmo útil, vou te contar. Estamos vivendo com cerca de novecentos dólares por mês do Serviço Social, então o dinheiro fica meio curto, e quando a gente vai envelhecendo precisa de mais comprimidos e de mais cuidados médicos. Eu nunca fui a um médico nos meus primeiros cinquenta anos de vida, mas depois disso a gente

começa a cair aos pedaços. Acabei de fazer oitenta e um há umas três semanas.

Miranda: Há quanto tempo você mora aqui?

Joe: Em agosto vão ser trinta anos morando aqui. Mudamos para cá em 1970.

Miranda: De onde você é?

Joe: Chicago.

A casa estava muito limpa e desgastada, cada peça da mobília era usada até a última gota. As paredes estavam cobertas por uma vida inteira de fotos de animais de estimação, gatos e cachorros, mas não havia animais vivos na casa. Pelo canto do olho eu via prateleiras cheias do que pareciam ser cartões artesanais.

Miranda: Qual era o seu trabalho?

Joe: Bem, eu era pintor, fazia trabalhos de pintura, e virei empreiteiro quando vim para cá, e me saí muito bem.

Miranda: Um pintor de... assim... casas?



Joe: É, casas.

Miranda: O que são todos esses cartões? Foi você quem fez?

Joe: Foi, eu faço cartões para a minha mulher. Veja, o que faço é cortá-los em papéis como este, depois recorto fotos de revistas e jornais. Então escrevo o poema aqui, faço limeriques. Mas não sei se você vai querer ler alguns; eles são bem sujos.

Miranda: Ah, é mesmo? Você pode ler algum pra mim?

Joe: Tudo bem, se você quer. Deixe eu achar um bom.

Era uma vez uma belezura da cidade
Seus peitos eram grandes de verdade
O namorado se encantou com aquele lindo manjar
Naquelas tetas quis logo se fartar
E a mama esquerda atacou com voracidade.

Miranda: Lindas rimas.

Joe: O primeiro, o segundo e o quinto versos têm que rimar, depois o terceiro e o quarto versos rimam. Digamos, por exemplo, a palavra *sexo*. Bem, talvez só tenha umas duas palavras que rimem com ela, então eu tenho que procurar e ir pesquisar na biblioteca.

Miranda: E ela gosta? Como ela reage?

Joe: Ah, ela gosta, sim. Há alguns anos ela começou a querer fazer um para mim, então ela fez alguns pequenos como estes. Eu faço nove cartões por ano para ela. No Dia das Mães e no nosso aniversário; 4 de julho foi o dia em que a conheci, em 1948, então este foi o último cartão que fiz. E faço no Natal, no Ano Novo, na Páscoa e no Dia dos Namorados. Acabamos de comemorar nosso sexagésimo segundo aniversário,

estamos casados há sessenta e dois anos.






LOVE
IS
THIRTY
THREE
YEARS
TOGETHER
PLUS2BYEARS



Miranda: Eu acabei de me casar há dois meses... Espero que tenhamos muitos Quatro de Julho juntos assim.

Fiz uma conta rápida — em sessenta e dois anos eu teria noventa e sete e meu marido cento e cinco. Nossos limeriques com certeza não rimariam mais. Voltei a atenção para uma colagem enorme com fotos de animais de estimação.

Joe: Todos os animais já se foram, mas esses são de anos atrás. Os últimos cachorros morreram em 1982. Tivemos nove, e todos morreram num intervalo de cinquenta e um dias. Acredita nisso? Do dia de Natal a primeiro de fevereiro.

Miranda: Vocês tiveram nove cachorros ao mesmo tempo?

Joe: É, tínhamos doze cachorros quando nos mudamos para cá, e nos primeiros seis, sete anos, as pessoas achavam que só tínhamos um cachorro, porque eles ficavam mais ou menos dentro de casa o tempo todo. Agora temos gatos, mas um deles a Mãe quer pegar amanhã, acho, e talvez se desfazer dele. Ele deve ter uns dezenove anos, e de repente começou a descer a ladeira. Nós damos comida para ele umas oito vezes por dia, mesmo assim ele está que é pele e osso. O veterinário diz que isso às vezes acontece quando eles ficam velhos, porque eu sei que ele come. Mas agora está bem mal.

Miranda: Como ele se chama?

Joe: Ele se chama Bola de Neve, deve ter uma foto dele aqui em algum lugar. Está numa daquelas fotos ali... é um gato branco. E a outra gata está no quarto com a minha mulher, o nome dela é Sedosa.

Miranda: O que há naquele balde pendurado no teto?

Joe: Ah, aquilo eram os brinquedos favoritos de alguns dos nossos animais de estimação. Veja, lá está escrito: os nomes neste

balde são dos oito filhotes de cachorro que eu trouxe para a califórnia em agosto de 1970. rosie, nossa gata de rua por dezessete anos, jannie, ginger, bonnie, huggy bumbum, big fat teddy bear, randy dandy do zo, princess tootsie bell, missapussy, clydie boops, blackie big boy, corky... e por aí afora.


JANIE
PUDDY
JANIE
BLANDY
LITTLE BULLZY
CORNY
BUKIE
BLACKY BIG BOY

Joe parecia ter os olhos cheios de lágrimas enquanto lia os nomes no balde; um raro momento de silêncio caiu sobre ele e Joe passou os olhos pela sala como se procurasse o que dizer. Apontei para uma pilha de listas.

Miranda: São listas de compras?

Joe: São, eu faço compras para sete viúvas e um viúvo — eles não podem sair de casa. Tem um casaco que uso quando vou à loja. Ele pertencia a um policial que conheci e que foi baleado e morto; o irmão dele me deu o casaco. Ele disse: "Toda vez que você for ao supermercado, eu quero que o use". Bem, eu vou pelo menos quatro vezes por semana, talvez pelo menos duzentas vezes por ano, por uns trinta e cinco, trinta e seis anos. Devo ter usado o casaco para ir à loja, ah, três ou quatro mil vezes, e minha mulher precisou remendá-lo. Mas agora quase já não dá pra consertar.

Joe quis me mostrar o quintal, que tinha dezenas de palmeiras minguadas que ele disse serem todas descendentes de uma árvore que ele havia pegado no lixo de alguém. Serpenteamos por entre as plantas até a parede do fundo, cheia de nomes entalhados.

Joe: Aqui é onde enterrei a maioria dos cachorros e gatos. Eu não os enterro a quinze centímetros do chão. Eu cavo um buraco de dois metros de profundidade, calculando que assim nunca ninguém vai tirá-los daqui, e os mantenho perto do muro. Acho que se alguém vier pra cá e fizer uma piscina, eles não vão atrapalhar de jeito nenhum.



Miranda: Isso é bem fundo.

Joe: É, eu tenho que ter uma escada bem perto do buraco para depois poder sair. Eu nem consigo sair do buraco.

Miranda: O que está escrito no muro?

Joe: Bem, eu gravei o nome dos cachorros e dos gatos com cinzel e martelo. Há nomes por toda parte... Jilly, Corky, Mittens, Puggy, de todos.

Miranda: E esse buraco é para um gato que...

Joe: É para o Bola de Neve... vai ter que ser sacrificado.

Miranda: Certo. Então, este é por antecedência.

Joe era devastador, mas não como Ron. Ele era como um anjo obsessivo-compulsivo, trabalhando furiosamente do lado do bem. Ficou cada vez mais difícil me lembrar de que eu o havia conhecido apenas hoje e que não tinha nenhuma responsabilidade com ele nem uma história com ele.







Joe: Talvez neste Natal você possa vir, porque eu começo a decorar por volta de 15 de novembro e deixo tudo até 15 de janeiro. Então, você será bem-vinda a qualquer momento. Como foi que disse que é o seu primeiro nome... Maria?

Miranda: Miranda.

Joe: Ah, Miranda.

Miranda: E qual é mesmo o seu nome?

Joe: Joe.

Miranda: Joe. Claro. Bem, não queremos tomar mais seu tempo. Nós só vamos...

Joe: Tudo bem, eu tenho tempo.

Quando afinal nos libertamos dele, nos sentamos no carro muito quietos, nos sentindo estranhamente piegas. Alfred disse alguma coisa sobre querer ser um namorado melhor para a sua namorada. Eu me senti como se não estivesse vivendo bem o bastante — eu me confundia com coisas que não me perturbariam se eu tivesse nascido em 1929.

E para completar a visita tinha sido inundada de morte. Morte mesmo: os túmulos de todos aqueles cachorros e gatos, as viúvas para quem ele fazia compras e sua própria morte, à qual se referiu mais de uma vez, mas de um jeito tranquilo, como se estivesse tentando fazer um monte de coisas antes desse prazo. Percebi que fazia oitenta e um anos que ele tinha começado a trilhar aquele caminho com sua lista de coisas a fazer, e ele estava sempre atrasado, e aquilo tornava tudo urgente e vívido, mesmo agora, especialmente agora. Como é estranho cruzar com alguém pela primeira vez pouco antes de seu fim.

Naquele mesmo dia, liguei outra vez para Joe — não me permiti pensar muito no assunto. Peguei Alfred e a câmera de vídeo e voltamos à casa próxima ao aeroporto. Sugeri que reencenássemos nosso primeiro encontro, eu ia bater na porta, ele me deixaria entrar,

me mostraria os cartões de Natal. Certo? Sim. O.k., vamos tentar.

Uma coisa inesperada aconteceu quando Joe abriu a porta, e não foi a coisa inesperada pela qual eu já sabia que deveria esperar. Joe improvisou. Ele me disse para ter cuidado onde pisava quando entrei. Ele não foi direto para os cartões; mostrou-me um pouco do que havia em volta. Apontou algumas coisas que queria me mostrar de qualquer maneira. Ele não tinha se esquecido de que havíamos combinado reencenar — só tinha seus próprios planos. Precisei interromper: "Agora eu vou tentar ir embora, e você lembra como não me deixou sair?". Ele concordou com a cabeça. "Faça isso, não me deixe ir embora." Fui para a porta. "Fique mais um pouco", exclamou Joe. "Eu posso lhe mostrar algumas coisas que você nunca imaginou que existiam."

Fomos para o quintal reencenar a turnê de Joe pelo seu cemitério de animais. "Nosso gato se chama Paw-Paw", falei, imaginando que Jason poderia dizer algo assim. Joe me olhou confuso e eu expliquei que no filme havia um gato chamado Paw-Paw. "Ele tem esse nome por causa do lago?", perguntou. "Não", eu disse, e tentei explicar que ele não era completamente real, mesmo no filme; era mais um símbolo de amor daquele casal. Ele me interrompeu. "Porque eu e minha mulher nos conhecemos no lago Paw-Paw há sessenta e dois anos."

Fui para casa com uma fita cheia de cenas que começaram como improvisações, mas que foram resvalando para a realidade, tornando-se pequenos documentários. Joe poderia fazer o que eu pedi, mas sua vida era tão exigente, e tão bizarramente relevante, que ultrapassava qualquer ficção. E deixei assim.

Pensei nos seus sessenta e dois anos de cartões ternos e obscenos, e alguma coisa se desenrolou dentro de mim. Talvez eu tivesse calculado mal o que restava da minha vida. Talvez não fosse troco miúdo. Ou quem sabe a coisa toda fosse troco miúdo do começo ao fim — muitos, muitos pequenos momentos, cada feriado, cada Dia dos Namorados, cada ano insuportavelmente repetitivo e ainda assim de

alguma maneira sempre novo. A gente nunca pode comprar alguma coisa com ele, nunca pode contar com ele para algo mais valioso ou mais completo. Eram só todos aqueles dias, mantidos juntos apenas pela memória frágil de uma pessoa — ou, se tivermos sorte, de duas. E por causa disso, dessa falta de significado ou de valor inerente, era admirável. Como a mais intrincada e radical obra de arte, o tipo de arte que eu estava sempre tentando fazer. Aquilo se atrevia a não significar nada e com isso exigia tudo da gente.

Imaginei Jason se encontrando com Joe e tendo a sensação de atordoamento que eu sentia. Eu sabia que não seria bem-sucedida naquilo, na hora de reencenar eu faria alguma coisa um pouco mais desajeitada e menos interessante do que a vida real. Mas não eram as Autoridades Locais que me diziam isso; vinha mais de cima, ou bem lá de baixo, e vinha com um sorriso — um sorrisinho meio rebelde e provocador, um desafio. Sorri de volta.

FILMANDO

—

O FUTURO

—

LOS ANGELES

—

Jason: Vou me deixar ser escolhido. Só preciso ficar atento e ouvir.

Sophie: Mas e se não...

Jason: Shhh. Estou ouvindo.

Se Sophie representava todas as minhas dúvidas e o pesadelo de quem eu seria se sucumbisse a elas, Jason poderia ser a curiosidade e a fé que afugentariam esse medo. Voltei ao começo do roteiro e acrescentei esse traço impulsivo e supersticioso em Jason — ele só iria conhecer Joe, não todos os outros vendedores do *PennySaver*, mas se comportaria em sua expedição do mesmo jeito que eu, por capricho, tentando acreditar que cada coisa significava alguma coisa, e assim aprendendo o que precisava saber. Levei algum tempo para me conformar com o fato de que Dina, Matilda, Ron, Andrew, Michael, Pam, Beverly, Primila, Pauline, Raymond e Domingo não fariam parte do filme; afinal, como uma ficção poderia incluir todos eles? Eu já tinha plena consciência do quanto era pequeno o mundo que eu havia escrito; aquela precisava ser a minha versão reduzida e compacta de Los Angeles. Eu sabia que, se realmente quisesse introduzir as pessoas que conheci, precisaria um dia tentar algum tipo de documento não ficcional. (Esse dia chegou.)

Escrevi uma série de cenas simples entre Joe e Jason que recriavam minha experiência com ele. Depois que Jason e Sophie se tornam obcecados com sua própria mortalidade, Jason decide usar o pouco tempo que lhe resta deixando-se levar pelo destino — primeiro através de um trabalho aparentemente sem sentido e autoimposto de venda de árvores, depois respondendo a um anúncio no *PennySaver*. Escrevi três cenas para Joe.

(1) Joe vende a Jason um secador de cabelo antigo (inspirado em Dina) e, num tom inquietante, exorta-o a voltar quando estiver pronto.

(2) Quando Jason volta, Joe lhe mostra os cartões que faz para sua mulher e lê um limerique sujo. Recorda então as coisas terríveis que podem ocorrer no início de um relacionamento. "Nós não tivemos nenhum problema desse tipo no começo", diria Jason. "Você está *só* começando", responderia Joe.

(3) Jason visita Joe mais uma vez, e então percebe que Joe tem três estatuetas de hipopótamo que Sophie e Jason também têm. E o sofá... eles têm o mesmo sofá laranja. E os dois têm a mesma gravura de M. C. Escher de uma escada sem fim. Eu queria usar a coincidência real de Paw-Paw, mas ela me pareceu significativa demais, aqueles detalhes visuais poderiam ser sutis o bastante para passar despercebidos, e o Escher era meu jeito de rir de mim mesma e do que estava tentando fazer — ser surreal quase a ponto do kitsch e ainda assim falar sério. Antes que Jason se vá, Joe lhe dá um brinquedo para Paw-Paw, uma bola numa mola que oscila para a frente e para trás como um metrônomo.

Essas três cenas foram oitenta por cento improvisação e vinte por cento roteirizadas; Joe foi instruído a, na maior parte do tempo, só falar sobre um tema, mas ele precisava dizer algumas frases específicas, que eu leria para ele em off e ele repetiria. Usaria suas próprias roupas e filmaríamos na casa dele.

Foi esse quase hipotético nonagésimo terceiro projeto de roteiro que se tornou totalmente financiado, sinal verde, no inverno de 2009.

Sempre imaginei um homem gordo apertando um botão em sua mesa para acender uma luz verde. É fácil — você só tem que convencê-lo a levantar o dedinho gorducho. Nesse caso, não havia homem nenhum, nenhum interruptor decisivo, só um monte de cálculos, a maioria subtrações, e-mails entre empresas do mesmo ramo na Alemanha, Reino Unido e França. A maior parte do dinheiro viria da Alemanha, com a condição de contratarmos uma equipe alemã, providenciarmos todos os vistos e acomodações em Los Angeles, trazê-los de avião para os Estados Unidos, filmarmos em vinte e um dias e mandá-los de volta para casa. Além disso, determinado percentual do elenco deveria ser europeu, com prova de cidadania, o que significava que a maioria dos coadjuvantes ia ter sotaque. Por fim, eu teria que morar na Alemanha enquanto terminava a pós-produção, no inverno. Ótimo, eu disse, e fui sincera, sabendo que aquele era o ônus de escalar atores que não eram grandes estrelas (inclusive eu mesma) e um ator que, na verdade, era um pintor de paredes aposentado. Parecia um preço razoável a pagar para conseguir contar uma história tão estranha no mais caro, mas em última análise mais acessível, meio de comunicação. *Dankeschön*, eu disse. Vamos em frente.

Agora que eu dependia dele, toda a existência de Joe pareceu de repente um tanto precária. Nem preciso dizer que ele não tinha e-mail ou celular. Dei o número do telefone dele para o meu produtor, mas Joe parecia nunca atender. Alfred acabou indo até a casa dele e descobriu que o aparelho tinha quebrado e eles nem sequer se preocuparam em consertá-lo. Alfred comprou um aparelho novo para eles e eu comprei uma cadeira La-Z-Boy para a mulher de Joe, Carolyn; ela era diabética e o médico tinha dito que ela precisava ficar com as pernas para cima. Eu quase nunca via Carolyn; para mim ela era uma musa mítica, objeto de centenas de poemas. Eu havia lido sobre seus peitos e até sua vulva, mas ela estava sempre no quarto, com a porta fechada.

Mantive Joe afastado de uma série de preparativos que antecederam as filmagens. Na verdade, não ensaiei com ele como fiz

com Hamish Linklater (Jason) e David Warshofsky (Marshall). Nem sequer lhe mostrei o roteiro. Minha sensação era de que Joe se sairia muito bem como Joe no dia de rodar, e não havia nada que eu pudesse fazer para mudar as coisas — por isso daria certo. Não o chamei para participar da leitura do roteiro feita meses antes de rodarmos; seria longa e agonizante e poderia lhe dar uma impressão errada sobre o que era atuar. Um ator chamado Tom Bower leu as falas que eu tinha esboçado para Joe. Pedi a Tom que também lesse as falas da Lua; nem todos os papéis estavam preenchidos, então alguns atores precisaram fazer mais de um personagem na leitura. Todos nos atrapalhamos, e depois me encontrei com uma amiga para ouvir seus comentários. Eram muitos, mas ela achava que eu tinha feito boas mudanças, sobretudo a ideia de Joe ser também a Lua. O que ele passou a ser a partir daquele momento.

Prefiro não descrever a primeira semana de filmagem. Quando estou ansiosa, perco peso, e perdi três quilos naqueles dias. Tudo o que poderia dar errado deu. Exceto que, e eu registrava isso no fim de cada dia, ninguém tinha morrido.

Então, no final da semana, minha produtora, Gina, disse que precisava me dizer uma coisa; era sobre Joe. Meu coração ficou apertado. Ele estava bem, mas quando a equipe de locação examinava sua casa, Joe mencionou ter acabado de receber do médico um diagnóstico de câncer e que tinha apenas duas semanas de vida. Filmaríamos a cena dele em uma semana. Gina disse haver conversado com ele e que Joe insistiu em continuar, mas que a decisão era minha. Todos os nossos problemas cinematográficos desapareceram por instantes, restando apenas tristeza, uma dor terrível por aquele homem e sua mulher. E eu sabia que não havia como continuarmos com ele; seria irresponsabilidade e uma coisa, sinceramente, assustadora.

E assim foi. Liguei para Joe do estúdio. Ele disse que estava se sentindo bem, e eu disse que sabia que sim, mas que era obrigada a

fazer o que eu achava ser o melhor. "Bem, você é a chefe", respondeu ele, sombrio. Eu tinha me acostumado com seu vozeirão e sua tagarelice, mas naquele momento ouvi o homem que havia pintado edifícios durante setenta anos, um trabalhador acostumado a ser parte de uma equipe e fazer o que o chefe mandava. Alguns chefes talvez não tivessem sido muito gentis.

Naquele fim de semana, sentei-me numa sala e vi atores idosos lerem as falas de Joe. Estava tão exausta que meu objetivo era só não chorar durante os testes. Toda a ideia para o papel de Joe era Joe. A maioria das falas que eu havia escrito não tinha importância, eram apenas palavras vazias colocadas para Joe improvisar. Quando aqueles velhos improvisavam, baseavam-se em suas histórias pessoais — de uma vida inteira como atores. Não era um monte de gente chata, mas nenhum deles tinha conhecido sua mulher no Lago Paw-Paw.

Depois de observar um homem particularmente frágil titubear ao longo da leitura, reclamei com Gina, dizendo que, na verdade, aqueles homens de oitenta anos pareciam mais doentes do que Joe; quem nos garantiria que eles também não tinham câncer e só duas semanas de vida? Também me ocorreu que Joe contava com os cheques que estávamos prestes a lhe dar por seu trabalho e pelo aluguel de sua casa. Será que eu tinha entrado na vida dele, lhe dado esperanças e depois o tinha desapontado... o tinha deixado lá para morrer?

Depois daqueles ensaios deprimentes, pedi a meu marido que fosse comigo ver Joe; eu não confiava totalmente em mim. Ficamos andando de um lado para o outro na sala de Joe, tentando dar uma ideia do que seria a filmagem.

— Um dia normal é muito longo — eu disse. — Coisa de doze, catorze horas.

— Haveria muita gente aqui — acrescentou meu marido, passando os olhos pela casa minúscula.

— Seria como o Exército entrando e assumindo o controle.

— Eles vão estragar os tapetes? — perguntou Joe.

— Não, não — respondemos —, eles cobririam a casa toda com

tapetes de borracha.

Depois de algum tempo, tínhamos discutido todos os detalhes e não havia mais o que dizer. Eu precisava me decidir.

— Bem — disse com voz trêmula —, eu gostaria de fazer isso com você, se você realmente quiser.

— Eu realmente quero — afirmou Joe.

Exageramos e rodamos com duas câmeras o dia inteiro, sabendo que não poderíamos esperar Joe repetir coisas que tinha feito, então cada cena foi rodada fechada e aberta ao mesmo tempo. Depois filmamos diversas reações de Hamish, que com sorte amarrariam o diálogo à ficção. Quando pedi a Joe que vendesse a Hamish o velho secador de cabelo, ele lidou com aquilo como um improvisador experiente, hilário e real. Muito mais difícil era tentar levá-lo a dizer falas específicas, em especial "Você está só começando". Fazia um calor infernal, a sala estava entupida de gente e ele vinha trabalhando por horas e horas (muitas delas à espera de que os aviões passassem). Estava difícil continuar insistindo para que ele dissesse essa frase em particular, que há muito tempo deixara de fazer sentido. Ele deve ter tentado umas cinquenta vezes, com muita doçura, sempre passando longe e engatando num monólogo sobre seus primeiros anos de casado, dos quais se lembrava perfeitamente. Afinal, numa tomada ele disse: "Você está só no meio do começo, bem agora". Era uma ideia muito melhor e mais específica — a de que um começo poderia ter começo, meio e fim.

No final do seu dia de catorze horas de filmagem, Joe estava de bom humor e parecia relutante em nos ver indo embora, em especial as mulheres bonitas. E duas semanas depois ele ainda estava muito vivo, fazendo consertos em sua casa. Quando terminei a filmagem, apressei-me em editar suas cenas e gravar suas falas em off no papel da Lua. Mas Joe continuava não morrendo, então depois de algum tempo relaxei e, enquanto editava e reeditava o filme, ele concordou em refazer muitas, muitas sessões de gravação. Uma vez, levei meu laptop para poder ver a cena antes de começarmos o processo de

sincronização da gravação. Ele pareceu desconcertado com a visão de si mesmo na tela.

— É estranho se ver aqui, não é? — perguntei, tirando a tela de seu campo visual.

— Eu não tinha percebido que estava tão velho — disse ele.

No final da nossa última sessão de gravação, perguntei-lhe como descreveria o que acontecera, o que tínhamos feito juntos.





Joe: Bem, há uns seis anos comprei cinquenta mil cartões de Natal de um amigo, quando ele teve um ataque cardíaco. Depois anunciei os cartões no *PennySaver*, você apareceu e bateu na minha porta dizendo que estava respondendo ao anúncio. Depois você me explicou o que queria fazer e me perguntou se eu estava disposto a fazê-lo.

Miranda: Por que você fez?

Joe: Bom, eu sou meio aventureiro. Pensei que valia a pena tentar fazer e ver se eu gostava enquanto fazia.

Miranda: E como foi?

Joe: Foi muito bom trabalhar com você. Você quer uma coisa feita e você vai parar e pensar de que jeito exatamente você quer aquilo e vai fazer tudo depressa. Eu não sei se haveria futuro para mim, você sabe, fazendo um pouco de figuração. Mas sei que não vou ser um grande ator de cinema.

Miranda: Como foi o dia em que filmamos na sua casa?

Joe: Bom, foi meio agitado, precisei acordar cedo para dar comida para os gatos por volta das cinco e meia, seis horas. Os gatos são do vizinho, não meus. Os meus agora estão todos mortos. Fui até um estacionamento onde a maior parte da equipe deixou o carro, e serviram um café da manhã. Bom, tomei umas xícaras de café e comi umas rosquinhas. Então voltei para cá. Mas aí começou a ficar meio agitado, porque tinha um monte de gente em volta sem fazer nada e eu não sabia por que estavam aqui. Tive que dizer para eles ficarem fora de um dos quartos, porque eu tenho um monte de papéis importantes lá, você sabe, e eu não queria eles por lá. Mas, fora isso, foi tudo muito bom.

Miranda: Como foi trabalhar com Hamish?

Joe: Hamish foi mesmo legal... me dei bem com ele desde a hora em que ele chegou até a hora em que saiu. Fiquei meio surpreso, você sabe, um grande astro como aquele entrando numa coisa pequena como essa. Mas imagino que isso pode vir a

ser um grande sucesso, sabe. Ganhar um Oscar.

Miranda: Quando foi a última vez que você foi ao cinema?

Joe: Nós não saímos muito, desde que os preços começaram a subir, sabe. A última vez que fui ao cinema foi em outubro de 1969. Era um filme censurado, quando eles começaram a aparecer, no final dos anos 1960. Era uma sessão ao ar livre... não me lembro mais o nome do lugar. Mas em todas as ruas em volta, os carros estavam estacionados com centenas de crianças em cima dos tetos, vendo o filme. Você sabe, vendo de graça. Aprendendo uma coisa nova, como se nunca tivessem feito aquilo.

Finalizei o filme na Alemanha e voltei para casa na véspera do Dia de Ação de Graças. Um dia depois do Dia de Ação de Graças, telefonei para Joe. Sua mulher Carolyn atendeu e disse que fazia dois dias que Joe tinha morrido.

Fiquei muito triste e comecei a repetir isso, e, mesmo mal nos conhecendo, nós duas ficamos rindo e chorando. Eu tinha pensado nela como uma pessoa sombria ou insignificante, mas ela não era assim, de jeito nenhum. Carolyn era vulnerável e ardente, com uma voz rouca. Fizemos piadas sobre Joe e, rindo, nos esquecemos por um instante, e depois nos lembramos e choramos de novo. E o tempo todo tentei desligar o telefone, porque parecia presunçoso falar com ela agora. Quem era eu? Apenas uma pessoa que tinha respondido ao anúncio do marido dela no *PennySaver*. Mas Carolyn queria me contar o último dia dele. "Ele estava na cama, eu o beijei e, você sabe, brinquei um pouco com ele, aí saí do quarto por um momento e, quando voltei, ele tinha ido embora." Murmurei alguma coisa simpática, mas pensando: Brincou com ele? Será que Joe tinha sido masturbado antes de morrer? Pensei nos cartões obscenos e isso me pareceu possível. Carolyn descreveu algumas "pessoas judias maravilhosas do Skirball" que tinham ido lavar o corpo dele e cuidar de tudo. Soluçou e disse que o plano não era aquele; ela deveria

morrer primeiro.







Brigitte e eu fomos visitá-la algumas semanas depois. Era estranho estar naquela casa sem Joe, tudo muito quieto. E, claro, Carolyn não estava em seu quarto como de costume.

— Quer vê-lo? Ele está bem ali — disse ela, apontando atrás de mim.

Sorri meio apavorada e sem entender, e me virei bem devagar.

— Na lata de tinta. Porque tudo o que ele fazia era pintar. Ele nunca parava quieto. Nós o colocamos na lata para que ele fique aqui, onde eu possa vê-lo. Não está lá fora em qualquer lugar, em qualquer... túmulo. E eu disse ao meu filho: "Quando eu for, quero ser colocada na lata com o pai". Ele perguntou: "Tem certeza?". E eu disse: "Tenho, tenho certeza! Por que não? E, se a lata não for grande o bastante, arrume outra maior".

Carolyn e eu andamos pela casa olhando todas as coisas velhas dos dois e conversando. Me imaginei vivendo sozinha em nossa casa depois da morte hipotética do meu marido, e isso me pareceu insuportavelmente triste. Eu teria que me mudar para o escritório de novo, onde tentara escrever o roteiro, para a pequena caverna. Recomeçaria de onde tinha parado antes de conhecê-lo, quando eu tinha trinta anos. Iria afinal fazer uma sopa com os grandes feijões do Norte e me sentaria para tomar a tal sopa sozinha. Depois iria dormir, como se toda a minha vida com ele tivesse sido um único e longo dia.

Brigitte estava fotografando Carolyn e dizendo que ela parecia ser uma pessoa feliz. Carolyn concordou e depois acrescentou:

— Sabe, não é bom ser uma pessoa triste. É o que Dorothy sempre diz. Dorothy é a minha amiga. Eu falei dela para vocês, certo? Somos amigas há setenta e três anos.

Aquele número me arrancou da minha história triste.

— Então você a conhece há mais tempo do que Joe?

— Ah, é. Eu a conheci quando tinha sete anos.

Toquei na redoma de vidro que continha a minúscula noiva e o minúsculo noivo do bolo de casamento de Joe e Carolyn. Dorothy tinha ido ao casamento. Provavelmente havia jogado arroz em sua melhor amiga. E depois, o que fez? Como passou o resto da vida? Eu

poderia telefonar para ela naquele instante e perguntar. Quase doeu me lembrar de que Joe e Carolyn eram parte do mundo, cercados por um número infinito de histórias simultâneas. Imaginei que aquela era uma das razões pelas quais as pessoas se casam, para fazer uma ficção que pudesse ser contada. Não eram só os filmes que não conseguiam absorver um elenco de personagens; nós também. Precisávamos peneirar a vida para saber onde colocar nosso carinho e atenção, e aquilo era uma coisa boa e doce. Mas, em conjunto ou isolados, estávamos ainda incrustados num caleidoscópio, impiedosamente variado e contínuo, até o fim do fim. Eu sabia que me esqueceria daquilo em menos de uma hora, e depois me lembraria, e me esqueceria, e me lembraria. Cada vez que me lembrasse, seria um pequeno milagre, e me esquecer era tão importante quanto — eu precisava acreditar na minha própria história. Talvez eu não fosse passar meus últimos dias sozinha no meu escritório, tomando sopa e vestida de preto. Talvez eu fosse viver sem ele entre as coisas que tínhamos feito juntos. Não sem tristeza, mas não só tragicamente.



Carolyn estava separando os álbuns de fotografias e eu soube que era hora de ir. Só precisava esclarecer uma última coisa.

— Eu devo ter ouvido errado, mas quando conversamos pela primeira vez, quando você me falou que ele tinha morrido, você disse que o beijou e depois o que foi que você fez? Você fez alguma coisa e em seguida foi para o outro quarto. Você brincou...?

Carolyn esquadrinhou o ar, recordando.

— Eu estava andando de um lado para o outro, pondo-o na cama. Eu disse ao Joe que o nariz dele estava gelado e que ele era um cachorrinho. O resto do corpo estava quentinho porque tínhamos cobertas, você sabe, cobertores quentes. Mas o nariz estava frio, e eu disse a ele: "Nossa, seu nariz está gelado. Você é um cachorrinho". E aí saí do quarto.



AGRADECIMENTOS

Obrigada a Jesse Pearson por incentivar esta ideia desde o princípio, à minha agente literária, Sarah Chalfant, por ouvir, a Eli Horowitz pela lista de tarefas de dezessete passos, e a Starlee Kine por me encorajar a terminar. Agradecimentos adicionais a Aaron Beckum por ser tão gentil com Joe e Carolyn, extrapolando em muito suas obrigações como meu assistente.

Sobre a autora

Miranda July é cineasta, artista e escritora. Seus vídeos, performances e projetos gerados na internet têm sido apresentados em locais como o Museu de Arte Moderna, o Museu Guggenheim e em duas bienais Whitney. July escreveu, dirigiu e estrelou o filme *Eu, você e todos nós* (2005), que ganhou um prêmio especial do júri no Sundance Film Festival e a Câmera de Ouro no Festival de Cannes. Seus textos de ficção foram publicados em *The Paris Review*, *Harper's* e *The New Yorker*, e seu livro de contos, *É claro que você sabe do que estou falando* (Ed. Agir, 2008), ganhou o Prêmio Internacional de Contos Frank O'Connor. July criou o site interativo *learningtoloveyoumore* com o artista Harrell Fletcher, e um livro associado ao site foi publicado em 2007 (Prestel). Criada em Berkeley, na Califórnia, vive hoje em Los Angeles. Seu segundo longa-metragem, *O futuro*, foi lançado no verão de 2011.

Copyright © 2011 by Miranda July

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
It Chooses You

Projeto gráfico
Project Projects

As fotos da página 209 são de Aaron Beckum

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Ana Luiza Couto
Valquíria Della Pozza

ISBN 978-85-8086-621-6

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br